



ANJOS DE PRATA



Anjos de Prata

NONA ANTOLOGIA

contos e crônicas





organização e edição

BETO MUNIZ

betomuniz@msn.com

capa e ilustrações

DOUGLAS DE SOUZA

ophicine@gmail.com

impressão

ALL PRINT EDITORA

www.allprinteditora.com.br

revisão de texto

do respectivo autor

Dados de Catalogação
(Livro Independente, SP, Brasil)

Anjos de Prata : Nona Antologia / organização Beto Muniz

1. edição -- São Paulo : 2009

Vários autores.

ISBN: 978-85-7718-487-3

1. Contos brasileiros - Coletâneas

2. Crônicas brasileiras - Coletâneas

I. Muniz, Beto

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira

2. Crônicas : Antologia : Literatura brasileira

2009

São Paulo-SP



PREFÁCIO

por: Lena Chagas

Essa brincadeira de anjo está fazendo nove anos, nestes 20 de outubro de 2009. Os anos voaram e neles voam juntos até hoje, os anjos que fazem do escrever uma alegria.

Embora todo mundo já conheça a história dos Anjos de Prata, sempre é bom lembrar como tudo começou: no último ano do século passado, de maio a novembro, alguns milhares de internautas passaram a se conectar, todos os dias, no mesmo horário e no mesmo site, para acompanhar, em tempo real, o escritor Mario Prata na criação do seu “Anjos de Badaró”, que depois desses seis meses, virou livro.

Inconformados com o fim da brincadeira, alguns internautas teimosos continuaram a se encontrar no site enquanto disponível. Mario Prata, que já os tinha batizado como seus “anjos”, lhes lançou o desafio: escrever uma crônica a cada semana, a partir de um tema que iria sugerir. Virou concurso de crônicas, de onde resultaram trinta escolhidas e publicadas na Primeira Antologia dos Anjos de Prata. Presente do Prata e da TV1.com.

Pronto, foi só começar. Mais ainda: Prata gostou do que leu. Era só o que faltava! Os anjos se encantaram com a brincadeira e perderam o medo de experimentar e de se arriscar. Tanto, que de lá para cá, cresceram em número e qualidade.

É bom lembrar também, que alguns daqueles anjos teimosos continuam por aqui, e graças aos seus esforços, o site <http://www.anjosdeprata.com.br> está sempre atualizado, apresentando um novo tema a cada quinzena e a cada ano, uma nova antologia publicada. Desde o início, Beto Muniz é nosso maestro e carregador do piano.





Perdemos alguns anjos pelo caminho, que levados pelo vento ou por alguma turbulência, vez por outra retornam trazendo novidades escritas. Teve até anjo que resolveu subir além das estrelas e por lá ficou, colorindo o céu com suas aquarelas. Muitos outros chegaram, outros tantos continuam chegando.

É assim que, brincando, brincando, chegamos à Nona Antologia.

E falando em Nona Antologia... Ocorre-me a Nona Sinfonia, de Beethoven... Nada a ver? Então leia algumas passagens dessa Ode à Alegria (que escrevo em linha contínua por economia de espaço):

"Oh amigos, mudemos de tom! Entoemos algo mais prazeroso E mais alegre! ... Todos os homens se irmanam Ali onde teu doce vôo se detém. Quem já conseguiu o maior tesouro De ser o amigo de um amigo, ... Rejubile-se conosco! Sim, mesmo se alguém conquistar apenas uma alma, Uma única em todo o mundo. ... Alegria bebem todos os seres No seio da Natureza: ... Ela nos deu beijos e vinho e Um amigo leal até a morte; Deu força para a vida aos mais humildes E ao querubim que se ergue diante de Deus! Alegrementemente, como seus sóis corram Através do esplêndido espaço celeste Se expressem, irmãos, em seus caminhos, Alegrementemente como o herói diante da vitória".

É assim!



AGRADECIMENTO

Dá muito trabalho e é cansativo, mas também é um prazer imensurável cuidar do site dos Anjos de Prata e editar nossas antologias. Eu não teria realizado nada, nestes anos todos, sem a colaboração preciosa de vários escritores que participaram e participam dessa brincadeira. Seria uma gafe monstruosa dizer alguns nomes e não todos os 559 autores do site — até o momento, mas talvez eu não tenha outra oportunidade e seria ingratidão maior não citar as pessoas que individualmente, em dupla ou trio se alinharam comigo nos momentos de maior desânimo e não me deixaram desistir.

Mariazinha Cremasco, Luís Valise, Ivana Colombini, Ana Peluso, Bárbara Helena, Lena Chagas, Míriam Salles, Ivone Carvalho, Virgínia Pinto e Clarice Villac. Obrigado!

Beto Muniz





SUMÁRIO

O OVO NA CABEÇA DO HOMEM - AGLIBERTO CERQUEIRA	11
CALABOCA! - BETO MUNIZ	15
SEM RECURSOS - CRIS DAKINIS	18
A PESSOA ERRADA NA HORA ERRADA - DAM NASCIMENTO	22
SIRENINHA, FILHO DO VENTO - EVA IBRAHIM	25
DOMINGO DE SOL - FLAVIO GIMENEZ	28
DADOS - FLÁVIO MARTINS DA SILVA	34
A VERDADE DA MENTIRA - LENA CHAGAS	36
JOÃO E ADELINA - LUISA ATAÍDE	38
METAMORFOSE AVESSA - MARCELO PARADYSE	41
MARCELA - MARCOS CORREIA	43
O ENCANTADOR DE SERPENTES - MARIAZINHA CREMASCO	49
A ÚLTIMA CHANCE - MAURO DARCY SPINATO	51
A CADEIRA DE ESPALDAR ALTO 11 - OSVALDO LUIZ PASTORELLI	53
O ALUNO - RAIMUNDO ANTONIO LOPES	55
AS LUZES NÃO BRILHAM MAIS COM A MESMA INTENSIDADE - SHARON RATIS	57
A PRIMEIRA VEZ - TATIANA ALVES	60
VESTÍGIOS - TIEME MISE	62
SER MAGRO... A DESGRAÇA DE UM POVO OBESO - VERA VILELA	64
HALLOWEEN TUPINIQUEM - WALDYR ARGENTO JÚNIOR	69



O OVO NA CABEÇA DO HOMEM

Agliberto Cerqueira

Quando ouvi os boatos de que todos os que se sentissem culpados deveriam comparecer ao salão de baile na manhã seguinte, a primeira coisa que me aconteceu, depois de um certo frio que me percorreu a espinha, foi concluir que eu nada vinha fazendo de errado e não devia me preocupar com as notícias. Porém, como das outras vezes, me assaltara a dúvida a respeito dos meus próprios pensamentos e, em razão da truculência e do poder que nos dominava, decidi que era melhor comparecer e mostrar colaboração ao invés de ficar em casa, angustiado, esperando que alguém batesse à porta como um sinal dos meus pecados. Passei a noite inteira acordado, querendo dormir a todo custo, ruminando lembranças, fatos, conversas, olhares ou gestos que pudessem ter de alguma forma me incriminado e, apesar de todo o esforço, não identifiquei no meu passado absolutamente qualquer deslize. Mas algo de fato havia acontecido porque, caso contrário, não fariam com que os boatos chegassem até mim sem motivo. Quando finalmente, lá pelas tantas, consegui adormecer, pareceu-me ouvir alguém batendo suavemente à porta. Levantei-me às pressas, assustado, vesti-me com as mesmas roupas do dia anterior e saí à rua. O dia amanhecera sem sol e um vento gelado e úmido zunia pela calçada. Não vi ninguém.

Fui em direção à construção que abrigava o grande salão de danças da cidade e tive a impressão de que alguém me seguia à distância desde que eu saíra de casa. Era um prédio antigo contíguo à estação central de trens. Fora esquecido no amarelo desbotado e tinha vidraças altas e empoeiradas pela sujeira das décadas de terror. Grossas grades de ferro haviam sido embutidas nos vãos das janelas e enormes ferrolhos instalados em todas as portas depois que a música e a dança foram proibidas no país. Na fachada, no lugar do homem e da mulher de luz neom colorida que, abraçados, dançavam há anos, erigiram uma estátua forjada em pólvora e metal, meio inclinada para



a frente, onde um homem que não se parecia conosco segurava um boné numa das mãos e na outra, na ponta de um braço triunfante, uma espada cravejada de glórias de mentira. Um monumento cor de chumbo brilhante que saltava sobre nós da sacada imunda. Era ladeado por duas bandeiras que sempre mudavam de cores e listras: símbolos da pátria que não podiam ser simplesmente olhados. Deviam ser humildemente reverenciados.

Um fila imensa de homens e mulheres fora organizada logo na entrada. Fui o último a chegar e isso colocava-me numa situação difícil porque poderia significar, claramente, que eu ficara em dúvida sobre minha culpa até o último momento. Em outras ocasiões eu já estivera no começo e no meio da fila e nunca notei diferença no tratamento que nos davam dentro do salão. Eram sempre torturas e sofrimentos em diferentes graus que eles justificavam necessários para expiar erros nossos quase nunca cometidos ou apenas falhas imaginárias. Talvez, quem sabe a dedicação de estar constantemente à frente de todos na fila pudesse significar, depois de anos de confissões inocentes e ridículas, que alguém muito maior do que nós nos olhasse à distância e sem que pudéssemos vê-lo e, por piedade, confortasse nosso íntimo desespero aliviando-nos do pecado e varrendo de nossas mentes até o que sempre fôramos, para que só dessa forma o perdão inalcançável fosse obtido e nunca mais a dúvida eterna nos afligisse.

De onde eu estava não conseguia enxergar muito bem o portal de entrada do edifício. Apenas parte dele. Porém, toda vez em que me distraía e sem querer olhava naquela direção via a estátua com os buracos dos olhos fixos nos meus. Então virava a cabeça rapidamente porque não tinha a certeza de que minha contemplação fora humilde e reverente. Tinha a convicção, sim, de que, desta vez, eu não escaparia. Apesar disso, por ser o último da fila, poderia até fugir se quisesse. Mas as informações que chegavam, sempre murmuradas e terríveis, eram que os vigias, que podiam estar em qualquer lugar, por lei e ordem suprema passaram a entender que todos os que ali já se encontravam eram espontaneamente criminosos e, por isso, poderiam ser perseguidos assim que escapassem e brutalmente espancados e trazidos arrastados





no caminho de volta ao longo da fila. Daí então, quando capturado e já com a agravante de também ser fugitivo da justiça, o sujeito era colocado à frente de todos os demais e rapidamente entrava pela porta central por onde só passava um de cada vez. O medo do pior fazia com que a maioria não tentasse escapar uma vez que, apesar de já serem culpados porque assim se sentiam, todos, sem exceção, ainda tinham uma certa esperança de que poderiam ser dispensados até que os próximos boatos chegassem, quando então se entregariam novamente. Porém, às vezes, era tão medonha e aterrorizante a agonia da espera, que alguns apenas ameaçavam correr só para serem capturados e levados para a entrada principal a fim de abreviarem seu sofrimento.

Começaram a circular rumores de que lá dentro seríamos obrigados a respirar grande quantidade de um gás que fazia com que os corpos inchassem como bolhas e flutuassem pelo salão. Diziam que a pele esticava-se toda, porém, sem estourar os poros, como seria mais tradicional em torturas desse tipo. Havia convulsões, vômitos, alucinações e, por fim, os corpos tombavam calmamente, uns ao lado dos outros, como amigos antigos e inseparáveis. Eu penso que essas informações eram mais um tipo de tortura, porque ninguém havia saído de dentro do salão para nos contar e, aqueles que estavam contra nós, jamais apareceram. A fila caminhou rapidamente como uma serpente e foi engolida de vez pela boca faminta da porta. Quando percebi estava eu defronte ao pórtico, abaixo das bandeiras, que nesse ínterim haviam mudado de cores e possuíam agora listras transversais com um grande pássaro bicudo ao centro. Foi então que notei que a estátua do mártir não tinha cabeça de homem: possuía uma cabeça de pássaro, com um nariz enorme ao invés de bico e semelhante àquela que havia nas bandeiras. De perto também não era uma espada que mantinha erguida mas, sim, uma velha bengala esculpida com todas as verdades escondidas pelo tempo e pela violência. Não sei como nem de onde partiu um tapa de uma mão muito forte e enorme que acertou meu rosto em cheio. Eu havia, por pura atração, olhado a ave e os panos sem reverenciá-los. Não fora humilde o suficiente. E fui o último a passar pela entrada majestosa naquele dia inesquecível.



Imediatamente percebi o ferrolho travando a porta principal pelo lado de fora. De outros pontos do grande salão, atopejado de pessoas muito parecidas comigo, chegaram sons das batidas das demais portas se fechando. O silêncio e a sombra ficaram encerrados na antiga pista de dança. Quando já esperávamos pelo gás uma melodia ecoou áspera e melancólica dos alto-falantes pendurados nos tetos. Nos abraçamos sem nos conhecer e começamos a sentir um agradável perfume que invadia o salão. Vimos que uma fumaça esbranquiçada saía calmamente por orifícios minúsculos instalados em todas as paredes. E respiramos os últimos ares. Tive a impressão de ouvir as rodas de uma composição correndo pelos trilhos da ferrovia e imaginei vagões carregados de cadáveres amontoados. Logo depois me senti inchando. A pele esticando-se toda. Achei que meu corpo flutuava e resvalava nos corpos dos outros. Vomitei e ouvi ânsias, tosses e vômitos ao meu lado. Gofadas de bÍlis arremessadas em meio à densa fumaça do gás. Meu corpo foi ficando pesado e pude ver nitidamente todo o futuro que eu jamais teria. Vi minha casa outra vez. Minha mãe e meu pai com a criança no colo. Vi a esposa prometida. Os filhos que não poderia amar. Vi o meu país cantando e dançando de novo debaixo de sol. Eram já as alucinações. A música triste voltou exuberante com o delicioso perfume da morte.

Então todas as portas e janelas do antigo salão de baile foram se abrindo com estrondos de ferro e madeira. Por elas entraram vendavais estrangulados, ventos dilacerantes e brisas mornas e macias. Entraram e rodopiaram sobre os corpos onde espÍritos e ideais dançavam de mãos dadas no amplo espaço do templo do absurdo. Depois, lentamente, os dançarinos se deixaram levar como ovas frescas que viajam por mares de todo o mundo onde vão gerar novas crias e multiplicar esperanças. O último sopro levou-me também para longe junto com os demais. Todos partiam. E enquanto me afastava pude contemplar a mim mesmo, estendido, com o rosto marcado de vermelho pelo tapa que levava. Ainda assim, livre e sereno. Havia aprendido a sorrir toda vez antes de morrer.





CALABOCA!

Beto Muniz

Com uma gargalhada tonitruante o homem na calçada oposta me chamou a atenção. Cara de escorpião abandonado pela mãe. Sua alegria medonha vinha de chutar os fundilhos do engraxate, menino de uns nove ou dez anos. A sua volta todos esboçaram sorrisos amarelos, menos o menino, que tratou de sair logo do alcance do sapato que tentou, ainda, uma bicuda por saideira. Magriço, caixa encaixada no ombro, calções demais para bundas de menos, chinelas gastas, jeito suave — pássaro conformado com a existência da gaiola, parou. Alguns passos fora de perigo, o engraxate se aventurou olhar para trás, com os olhos de lamparina acesa mediu seu agressor. Não era mais o alvo da atenção do grandalhão, então voltou sobre os rastros de fuga. A intenção era passar pelo bar despercebido e alcançar a esquina. Não logrou êxito. O sapato escapou súbito do apoio rente ao balcão e procurou novamente os fundilhos rotos do engraxate, que saltou centímetros adiante, e acima, tentando amenizar o impacto. Bateu as chinelas no mosaico da calçada ao mesmo tempo em que as lágrimas apagaram os olhos de lamparina. Na soleira do bar o retorno da gargalhada coincidiu com a meia dúzia de risos amarelos se acendendo. Então eu meti minha colher de pau no assunto alheio. Suicida incompetente em busca de um assassino. Cruzei a ruela e enfiei meia mão gargalhada adentro. Meus dedos da direita rasgados até os ossos no encontro com dentes, gengiva e ouro... Eu falei que o bruto tinha um dente de ouro? Tinha. Os sorrisos amarelos se apagaram. Fiz pose de gato quebrando gaiolas e ninguém tirou a bunda da banqueteta. Decerto também fossem passarinhos. Apontei o ouro no chão, mão sangrando, mandei o menino pegar e alcançar a esquina. Dois palitos! As chinelas estalaram batendo nos calcânhares. Magriço, caixa pendurada na mão esquerda, a outra mão fechando dente e cóis do calção, corpo penso, sumiu sem nem me agradecer. Pode ser que ria.





Nem vi! Mas senti a mornidão arrodando meu pescoço. A mão peluda e sebosa me obrigava a virar o rosto em direção aos olhos do escorpião. Eu soube que morreria e não esbocei reação, a mão pendia, sangrenta. A figura do magriço segurando calção e dente sumiu da minha mente quando o bruto encostou minha cara na dele e repetiu algumas maldições. Uns perdigotos saltaram no meu olho. Pela falha do ouro a língua expulsava sangue e saliva. A fúria manchando minha camisa. Não, eu não entendia, mas ele repetia que eu estava fudido e eu odeio quando dizem que estou fudido. Suicida afiando a foice da morte... eu precisava sentir o gosto de sangue. Soquei a boca do bruto novamente e o tempo parou. Não morri ali, a vista de passarinhos com seus sorrisos amarelos recolhidos, apenas desfiz a pose de gato quebrando gaiolas. Desmaiei. O bruto devia mesmo ter mãe na zona! Mentiu que eu fora flagrado bolinando inocente e fechou a grade. Nove pares de olhos sobre mim.

No dia seguinte eu despertei e os olhos do tira com mãe na zona me fitavam. Enfiou o indicador no lábio roxo, cicatrizando, para mostrar o dente de ouro no lugar. Disse que cu de engraxate era a melhor coisa depois de buceta na primeira menstruação e se foi. Pensei no magriço, sem bunda, com o calção escorregando pelas pernas. Depois achei que deveria me preocupar mais com outro cu, o meu. Lembrava que em algum tempo ele recebera nove picas, mas também podia ser um sonho porque eu não sentia dor. Pensei nos olhos de lamparina do moleque, talvez tivessem se apagado para sempre. Acho que chorei, mas não senti o calor de lágrimas descendo pelo rosto. Adormeci sob nove pares de mãos. Acordei na enfermaria com o bruto perguntando se eu estava pronto para continuar a festa. A barba grossa raspando em meu rosto, fiz sinal com a cabeça que sim, balbuciei minha calma convalescente e ele bafejou no meu ouvido que eu estava fudido. Ri. Eu odeio quando dizem que estou fudido. Eu odeio muito quando me dizem que estou fudido. Eu poderia matar quem diz que estou fudido. Um abraço na morte em troca de sangue. Era a segunda vez que eu odiava aquele escorpião sem amor de mãe. Mirei o dente de ouro e cuspi.





Muito tempo depois a alma voltou para a cela e tomou posse do corpo que servia aos nove pares de olhos, nove pares de mãos e nove picas. Queria pensar em outras coisas e a mente voltava sempre para o engraxate. O pensamento estacionava na mão fechada em torno do cóis do calção frouxo. Pensava nas chinelas puídas estalando nos calcanhares. Tentava esquecer os olhos de lamparina. Doía a lembrança daqueles olhos acesos. Dois dias depois fui levado para a enfermaria. O escorpião novamente me visitou, queria mostrar o beijo sarado e o dente de ouro enquanto repetia que eu estava fudido. Sussurrei minha calma diabólica. "Eu odeio estar fudido". Confiante, debruçou sobre a grade da cama. "Tu tá fudido!". A barba malfeita raspando meus lábios partidos para dizer no ouvido que eu tava fudido... Pensei em corrigi-lo, mas ele não saberia a diferença entre estar fodido e estar fudido. Tenho 30 dentes na boca, nove com obturações. Foram os doze primeiros dentes da frente, os mais sadios, que se cravaram na jugular do bruto. Travei o maxilar e senti um gosto morno-adocicado descendo goela abaixo. Eu odeio muito estar fodido — foi meu último pensamento antes de perder a respiração com o jorro de sangue.



SEM RECURSOS

Cris Dakinis

- Amor, a semana da Páscoa tá próxima...
- Sim... Importante lembrarmos dessa data tão magnânima!
- Hum??? Sim, muito importante..., mas restam apenas duas semanas. Precisamos nos apressar para planejar nosso feriadão.
- Que feriadão, meu Bem?
- Ora! O próximo, que estávamos combinando...
- Ah, sim...
- Você pensou em algum lugar? Hotel-fazenda, pousada, casa de veraneio para alugar, ou mesmo naquele convite para acamparmos com os amigos? O que você prefere?
- É... Querida, deixo a teu cargo a escolha do lugar. Você resolve! Eu acatarei, de bom grado, tudo o que você decidir.
- Legal! Mas o que eu desejo saber é se você já resolveu a parte prática, ou seja, do dinheiro para planejarmos esse feriadão... Tá em cima, já! No fim-de-semana do carnaval ficou combinado que eu arcaria com todos os gastos, e que você arcaria com os desse feriado prolongado. Esqueceu do combinado, meu Querido?
- Ora! Calma... Como esqueceria algo tão maravilhoso para nós dois? Claro que lembro bem. Planejaremos um maravilhoso passeio. Você escolhe: campo ou praia. Quando eu disse que você resolveria, era porque acato suas preferências, minha Princesa!
- Tá... Já escolhi: a turma tá combinando de acampar em Três Cachoeiras. O que você acha?
- Acho M A R A V I L H O S O! Minha Rainha, que idéia mais encantadora! A natureza! Os pássaros! A água límpida! Ar puro, muito ar puro!
- Sei... Fica combinado esse passeio, então?
- Fica. Fica combinadíssimo. É como eu disse: você resolve. Eu preciso ir agora... Tenho de retornar à empresa. Ao trabalho!



— Meu Querido, espere! Preciso de um sinal para reservar nossas vagas para o acampamento. O pessoal tinha avisado que a data máxima seria amanhã. Por isso, estranhei sua demora em decidir-se... Estava imaginando até de você ter feito outros planos, sem mim, sem nossos amigos... — Resmungou.

— Como eu poderia fazer planos sem você, Minha Deusa? Que idéia! Agora preciso retornar ao trabalho; dê-me um beijo...

— Mas... e o sinal?

— Que sinal?

— Homem! Acabei de te dizer: precisamos pagar nossa parte para participarmos do acampamento do feriadão.

— Precisa pagar?

— Hum????

— Querida, entenda, faça tudo o que você resolver. Esse passeio que você escolheu é adorável. Iremos!

— Que alívio, eu já estava pensando, novamente, que você iria “cair fora”...

— Jamais, Minha Divina! No entanto, preciso te confessar: Estou sem recursos...

— Sem o quê?

— Sem recursos... Lástima essa de ter de confessar algo assim, mas fazer o quê? Atualmente, sou um homem sem recursos.

A moça gargalhou até a barriga doer; que novidade aquela... “sem recursos”... ahahahaaaa ... e continuava a gargalhar, atraindo a atenção dos que passavam pela praça onde estavam. No rosto de seu namorado, estampado um exagerado constrangimento.

— Meu Querido, o que é isso de... “sem recursos”?

— Sem recursos, ora!

— Você quer dizer... Sem dinheiro? É isso?

— Minha Pérola! Você sempre tão espontânea ao falar... Isso, eu estou... sem... dinheiro. É isso, sim.

— E como viajaremos, então? — Indagou a moça.

— Eu não faço a mínima idéia, minha Rainha... Agora, você entende por que eu adia comentar esse assunto. Eu não recebi o



meu salário ainda. A empresa atrasou o pagamento outra vez. Não vejo forma de arcar com esses gastos, pois estou descapitalizado!

— Ahhahaaaaa.....!!!!!! Pare, por favor, meu querido! Já desmanchei toda a minha maquiagem dos olhos com essa nossa conversa. Ahhahaaaaa..... Olha, estamos aqui há mais de uma hora e não resolvemos absolutamente NADA a respeito de feriado ou passeio, ou seja lá o quê... Ahhahaaaaa..... Mas que vem a ser isso de... "descapitalizado"? É "sem cabeça"? Ahaahaaaaaaa.... desculpe..... Ahahahahahaa.... mas lembrei-me das palavras: "capuz", "capacete", "renda per capita"... Explica aí, vai... E numa demonstração de explícita gozação, a moça inquiria sobre a tal "descapitalização".

— Minha Imperatriz, escute-me! Como eu disse, a empresa não me pagou o salário novamente. Mas uma coisa eu garanto, e atente! Minha palavra é honrada, pois sou um cavalheiro, quanto a isso, acredito que você não possua dúvidas.

— Hum hum.... — Murmurou a moça.

Reprimia ela outro acesso de riso? Parecia que não... Pois seus olhos vagavam distante, parecendo fitar o infinito. Estaria ela a imaginar como seria divertido o feriadão (só dela com seus amigos)? Eu, que estava sentada a um banco próximo ao deles, enquanto aguardava meu filho brincar no parquinho, fiz questão de demorar-me mais um pouco no local. Estava muito curiosa para saber do desfecho daquela novela.

— Minha Boneca! Você pode dar o sinal que desejar para esse nosso passeio. Fique certa de que eu restituirei cada centavo. Faça questão! E quanto a isso, não discutamos. Arcarei com todas as despesas tão logo se faça possível. No entanto, entenda, agora, não tenho fundos.

— Hã? Sem "fundos" também? Então, meu querido, eu saio pela frente!

— Minha Preciosa! Jóia de minha vida, não entendi. Espero que me explique o que foi que eu fiz.

— Explico... Espere que eu explico... Mas continue sentado aí.





Espere sentado para não cansar e preservar seus “fundos”, ou correrá o risco de continuar “sem recursos” para “descapitalizar” outra.

A moça deixou a praça caminhando lentamente, face altiva, descontraída e serena.

Chamei meu filho para casa, era hora do banho.

O moço continuou lá, sentado. Sentado e nada de mover-se a fim de retornar à empresa para trabalhar... Moço obediente...



A PESSOA ERRADA NA HORA ERRADA

Dam Nascimento

Quem não acredita em fatalidades é melhor rever os conceitos. A quem brinca com o desconhecido, invoca os que descansam e conhece o que jamais deveria saber da existência. Eram três horas da manhã, o silêncio reinava sobre a noite com um ar soberbo de morte.

Ao longe, o olhar sarcástico das corujas agourava todas as formas de vida e o vento emitia uivos mudando de direção; tudo parecia perfeito para jovens inconseqüentes jogarem com a sorte. Breno, Carla e Rafael eram alunos do curso de cinema e viam na montagem de uma história de terror sua consagração no curso. Na volta para casa, um estranho fazia um ritual em um círculo demarcado; era a chance perfeita de começar algo.

Sem levar muito a sério, os amigos ofereceram dinheiro ao andarilho em troca de sua colaboração e ele disse que os ajudaria desde que participassem do ritual. Sem nem pensar eles aceitaram e pingaram algumas gotas de sangue no círculo da evocação.

O estranho homem pronunciou frases em outro idioma e desapareceu no meio ao nada como uma fumaça pro além. Pasmos, eles sabiam que algo estranho estava para acontecer e antes que reorganizassem suas idéias, uma risada diabólica se fez ouvir na escuridão. Apavorados desligaram as câmeras e foram embora, mas, de todos os erros, eles não sabiam do maior.

A evocação dos espíritos foi feita na hora do demônio, onde os canais estavam abertos. A manhã rompeu e aquelas vidas nunca mais seriam as mesmas. Eles estavam marcados. Como Deus poderia proteger pessoas que chamaram o demônio para si. A regra universal define o livre arbítrio como uma regra clara e todos devem pagar por suas escolhas. A medida que o tempo foi passando, alucinações começaram a fazer parte da rotina dos três. Eles não tinham mais paz. Em um dia surtando, Breno saiu correndo e se atirou contra as lanças do portão da igreja.





A morte foi horrível, a afeição de agonia extrema. Antes que o sangue esfriasse, dois carcarás arrancaram seus olhos a bicadas e um cão negro lhe mordeu a face. A imagem do horror se fez presente em uma cena que mais parecia um suicídio em atos de loucura. A perda do amigo fez Carla entrar em depressão e o segredo que guardavam começou a perturbar Rafael. Eles não sabiam o que fazer, mas, de uma coisa estavam convictos: Não revelariam o segredo a ninguém. Passou-se 3 meses da morte de Breno, já estavam as portas de Setembro, há três meses da formatura.

O vídeo inicial poderia dar alguma pista do que estava acontecendo, mas, se dependesse deles, ninguém mais o assistiria. A depressão de Carla estava fortemente instalada e de tão fraca não teria defesas para nada. Agia de forma lenta e penosa como se estivesse sobre o efeito de calmantes, por vezes de repente agitada como possuída por entidades. Seu comportamento era estranho e irregular. Preocupado Rafael procurou uma vidente e pediu ajuda.

Na sua presença o temor foi tão grande que ela não ousou tocá-lo e fechou todas as portas e janelas imediatamente. Condenado foi a única palavra que se ouviu no ar. Ele era o mais equilibrado do trio e tentaria sair daquela situação o mais rápido possível. Depois de tudo, talvez o padre pudesse ajudá-lo, ao menos tentaria.

Fez-se noite e o Padre atendendo o chamado veio ver Carla. Procedeu-se um exorcismo sem precedentes. Foram horas a fio e ela estava descontrolada. Rafael chorou ao ver sua amiga mordendo as quinas de parede, a maior parte de seus dentes foram quebrados. O odor de enxofre no quarto estava tomando todo o ambiente; até o padre chorou. Ela quebrou os próprios braços se batendo contra a cama e soltou urros horríveis.

O padre ordenou que o demônio que ali se fazia presente se identificasse e ele disse : Legião, por que somos muitos, porque somos sete espíritos do abismo, sete condenados que governam este corpo sem rumo. Rafael não continha as lágrimas e desejou que aquela primeira noite não tivesse existido. Quando o exorcismo acabou o corpo de Carla estava frio.



O coração batia bem fraco e horas depois ela faleceu e ainda assim não parecia ter encontrado a paz. Rafael estava totalmente traumatizado com a situação e percebeu que uma legião de sombras o acompanhava. No dia seguinte acompanhou o velório e decidiu ir embora da cidade.

Ele só tinha uma coisa a fazer antes, destruir a gravação. No impulso, entrou em seu quarto, pegou a gravação na mão e debruçou-se na janela, pensando se realmente era o mais certo a fazer. Antes que pudesse ter um segundo pensamento, o cerol de uma pipa serrou seu pescoço.

Era o fim para eles. O triste de fim do resultado entre a estupidez e a ignorância; contudo, os seus sonhos foram realizados: No final do curso apareceu um DVD mostrando esta história por completo, inclusive a angústia e a morte de cada um. O DVD foi distribuído por um estranho e foi sucesso em várias faculdades. E o mais sinistro é que no final aparecia uma frase que dizia o seguinte: Se você não acredita, faça acontecer! e no fundo uma risada sarcástica.



SIRENINHA, FILHO DO VENTO

Eva Ibrahim

O menino apareceu nas redondezas, ficava na rodoviária perambulando, nada pedia, comia quando lhe davam e dormia nos bancos de cimento. Tinha cerca de dez anos, era franzino, cabelo espetado, dentes tortos e não sabia dizer quem era; se tinha mãe ou família. Falava que viera de longe em um caminhão que o deixou ali na esquina.

Quando alguém o interpelava ele sorria e dizia que seu nome era Claudionor e seu pai era o vento. Diziam que tinha miolo mole, mas era alegre e sorridente; todos tinham pena dele e se propunham a ajudar.

Foi acionada a promoção social do pequeno Município, tentaram localizar a mãe e não obtiveram êxito. Foi levado á um abrigo, mas não conseguiam mantê-lo lá por muito tempo. Ele fugia e voltava para a rodoviária; dizia que era livre e ficaria ali. Quando o menino sentia fome entrava na padaria e ficava encostado na porta, Seu Antonio, o dono, o chamava e lhe dava pão com mortadela e um copo de café com leite. Claudionor comia, agradecia e voltava á rodoviária.

Uma família se interessou e o levou para casa; o menino dormia, levantava e saia para a rua só retornando de madrugada. Outras vezes sumia e voltava em dois ou três dias; não obedecia ninguém, vivia na rua. Não se prendia á horários nem á regras, fazia o que queria. A família apreensiva não agüentou e desistiu da guarda. Ele voltou ao abrigo e foi colocado na Escola; não prestava atenção na aula e entrava e saia quando queria, ficava dias sem aparecer, nada o prendia. Os professores diziam que não tinha capacidade para aprender a ler e escrever.

Era livre como um pássaro; Tomava banho na represa, andava pelo mato e a noite dormia na rodoviária. Quando lembrava voltava ao abrigo, ficava um ou dois dias e sumia novamente sem avisar. De



vez em quando Seu João, o barbeiro, o chamava e cortava seus cabelos, que nunca eram penteados. Cativava as pessoas com seu sorriso de dentes tortos e fazia amizades com facilidade. Tinha amigos de todas as idades que o conheciam da rodoviária. Foi ficando ali e ninguém mais se incomodava com a presença dele, fazia parte do ambiente. Ganhava roupas e calçados; vivia da caridade da comunidade. Não lhe faltava nada. Ficava sentado na praça afagando os cães vira-latas que lambiam suas mãos em agradecimento.

Um dia ele apareceu de terno preto com gravata e chinelos de dedo, foi motivo de risos por muito tempo, até que o terno estragou. Depois apareceu com um chapéu de palha, outra vez com boné e roupas coloridas; ele gostava de variar, vivia sorrindo. O tempo corria e Claudionor crescia magro e desajeitado; era um bom menino que não tinha vícios, nem inimigos. No Natal um amigo lhe deu uma bicicleta usada. Não se continha de tanta felicidade. O menino que era livre, agora parecia voar na bicicleta, dizia que era seu cavalo de ferro e lhe deu o nome de "magrela". Andava pela pequena cidade e conhecia todo mundo; sua felicidade deixava as pessoas alegres por onde passava. Era filho do vento e como tal vivia correndo pelas ruas, muitas vezes no meio da chuva ele passava cantarolando músicas sertanejas.

Gostava de parar nas oficinas mecânicas, lava-jatos e praças onde jogava conversa fora. Olhava os carros, principalmente os de cor vermelha, ficava encantado e dizia que um dia teria um daqueles. — Como? Perguntavam — Não trabalhava, ele sorria e saía voando na magrela. Um de seus amigos disse que ia incrementar sua máquina e colocou um pedaço de lata nos raios das rodas e quando ele corria fazia um som parecido com uma sirene, o que lhe valeu o apelido de "Sirenhinha". Era comum ouvir o barulho da bicicleta a qualquer hora do dia ou da noite; para ele a noite não significava descanso, mas, ruas desertas para correr quanto quisesse. Corria, dava cavalos de pau, cantava pneus e sorrindo dizia que estava envenenada; Soltava gritinhos acompanhando a sirene. — Era puro prazer, indescritível mesmo.





A única queixa que tinham dele é que tocava a campainha das casas de madrugada para conversar banalidades, provocando aborrecimentos á quem levantava cedo para trabalhar. Estava inserido no ambiente, de vez em quando desaparecia e todos temiam pela sua segurança. Algum malvado poderia se aproveitar de sua ingenuidade e roubar sua máquina; mas, logo aparecia contando onde foi que o cavalo de ferro o levou.

Já moço ninguém sabia o dia do seu aniversário, nem ele, era filho do vento e comemorava qualquer dia. Quando queria comer alguma coisa diferente dizia que era seu aniversário e sempre alguém pagava a conta. Assim levava a vida com alegria. Nas noites de sábado ficava em frente á discoteca até acabar o som. Seus amigos o protegiam dos bandidinhos afugentando-os com ameaças. Sireninha era de todos e de ninguém, um moço magro, desajeitado e feio, mas querido por muitos. Estava sempre em companhia de grupos de amigos.

Certo dia alguém comentou na padaria que Sireninha estava internado no Hospital da cidade e que tinha problemas de coração. Depois de alguns dias ele apareceu na rodoviária, estava mais magro e muito pálido; todos ficaram preocupados. Foi novamente internado e seu estado considerado muito grave; a cada dia as notícias pioravam, o menino ia deixar sua bicicleta e os amigos tão queridos.

Sábado de manhã no jornal da cidade estava estampada em manchete a notícia: "Sireninha morreu". Havia uma foto dele com sua bicicleta e um largo sorriso nos lábios. O vento o trouxe e o vento o levou, foi uma passagem rápida demais. Um menino especial que veio trazer alegria, durante uma década, á pequena localidade.

Foi velado na capela onde muita gente foi se despedir; não tinha família, mas tinha amigos, que o acompanharam até sua última morada. Arrecadaram dinheiro e compraram um túmulo para ele. Na lápide está escrito:

"Aqui jaz o Sireninha, filho do vento e alegria dos amigos".



DOMINGO DE SOL

Flavio Gimenez

O medo bateu à sua porta, bordejou sua consciência como um avião sem teto rodeia o aeroporto antes de despencar das nuvens. Ele, suado, gotas grossas lhe escorrendo pela testa, porejando num indefinido ritmo, arquejava agora depois da corrida que o salvara por pouco. Ele parou, arfando. Revisou a situação. Era domingo, era de manhã e o sol batia nas árvores silencioso como sempre; ele resolvera fazer uma caminhada pois seu médico lhe alertara sobre os perigos do sedentarismo. Justo ele tinha de ouvir isto, ele que sempre pregara as vantagens da vida sempre ativa mas que, munido de uma preguiça monumental, sempre fugira do que sempre apregoara aos quatro ventos.

Ele desceu pelo elevador e notou a primeira coisa estranha. Pelo adiantado da hora — deviam ser dez e meia — Certamente deveriam haver mais pessoas descendo e congestionando o maldito elevador de seu prédio de meia idade, meio velho como ele, muito moço ainda para perder as esperanças. Entrou no elevador e ninguém subiu, ninguém desceu. Ninguém com aquelas caras enfarruscadas de vizinho chato e lhe desejar:

— Bom dia!

Ninguém de sorriso forçado, ou disfarçando, olhando o molho de chaves, o chão ou passeando os olhos pelo teclado do celular último tipo. Nenhuma pessoazinha sequer e nem as clássicas velhinhas a comentar sobre o tempo:

— Hoje finalmente temos sol não?

— Verdade!

— Tempo esquisito em São Paulo. Também, agredimos o meio ambiente, ele nos agride de volta! Esses jovens sempre arruinando tudo...

...E você fica com cara de quiabo porque não sabe se você é





um dos jovens delinqüentes ou já é velho para concordar com esta pataquada.

Caminhou após abrir a porta e nada de ruído nenhum na portaria. Olhou para o vidro fumê aonde estaria o porteiro mas não viu ninguém, só o estalido do portão que denunciava que ele havia sido aberto. Entrou na gaiola e fechou o primeiro portão. O segundo demorou um pouco mas abriu repentinamente e ele, aliviado, finalmente estava na rua.

Nada.

Não havia ninguém na rua. Nenhuma pessoa andando, nenhuma senhorazinha com carrinho de feira, nenhum ambulante vendendo bugigangas. Absolutamente ninguém. Ele pensou em ir à padaria, que ninguém é de ferro. Fechada. Fechada a padaria! Começou a ficar preocupado. Não havia ninguém lá, nem no estacionamento nem em lugar algum. Ninguém na rua, ele era único, dir-se-ia que era a única forma de vida em quilômetros. Ele se enganara quanto a isto e veria mais tarde o porquê. Ele se sentiu estranho porque não só não havia ninguém como nenhum carro andava nas ruas e o mais impressionante era o silêncio, o silêncio que ele ouvira certa vez que viajara à selva amazônica, na borda do Rio Amazonas, onde ouvira o rumor das águas, mas pelo menos lá havia o rumor das águas! Aqui, nenhum som. Notou o silêncio, os pássaros calaram, cães não ladravam, nada se mexia! Bom, as árvores estavam ali, certamente um pássaro haveria. Tudo bem, a agressão não podia ter chegado tão longe! Haveriam sinais de alarme, sinais de que tudo haveria de estar se acabando mas assim, de repente... ninguém! Como assim?

Resolveu caminhar um pouco mais, portões semi abertos, casas de janelas escancaradas. Lojas fechadas, faróis piscando amarelo. Justo ele resolvia caminhar e justo naquele domingo de sol, o mundo decidira acabar! É muito azar. Bom, nada difícil, em sendo eu e em sendo o mundo este que eu conheço. Nada impossível. Lembrou do que sua mulher lhe dissera sempre:

— Nunca vi pessoa mais pessimista que você!





— Só porque sou realista?

Óbvio que ela o largou falando sozinho, mas pelo menos hoje ele gostaria de ouvir uma voz, quem sabe a dela, para dizer que tudo não passava de engano, um ledô engano. Passou pela sua cabeça uma maquinação terrível, aquilo era coisa de seus amigos que resolveram lhe pregar uma peça, ficaram todos combinados de despovoar as ruas, mas aonde eles teriam metido tanta gente escondida? Não, simplesmente ridículo.

Caminhou a passos largos e de coração cada vez mais apertado, os sinais de abandono lhe enchendo os olhos. Janelas batiam ao vento, varais com roupas penduradas e recém-postas a secar, o sol batendo nos muros e sacadas dos apartamentos vazios e estranhos como ninhos vazios. Não, não podia ser verdade!

Mas era: Ele olhou boquiaberto a avenida movimentadíssima outrora, carros esvaziados à força ou pelo menos ele assim imaginava pelas portas abertas, como se todos houvessem fugido do encontro inevitável, como se espavoridos houvessem abandonado todas as suas coisas em meio às calçadas. Ele viu algo brilhando no chão e olhou para os lados, nunca se sabe, de repente uma motocicleta o atropelava... Bah! Que estava dizendo? Nem as motocicletas zumbiam mais como vespas entre os carros em fila indiana. Era um caos de abandono e o objeto que rebrilhava era um telefone celular que ele pegou na mão: Ainda quente, como se seu dono o houvesse jogado ali e corresse de... quê?

— Que domingo!

Que domingo. Dia de descanso, dia de caminhada. Dia de todos os santos dormirem, Dia de namoro, de amizade, de visita a pais esquecidos, dia de festa na casa da nona, dia de risoto na casa da mãezona, dia dos amantes acordarem satisfeitos depois da esbórnia e num dia destes, como este era, glorioso em sua luminosidade, dia de cumprimentos, encontros, troca de receitas, reencontros e lembranças...

Mas nesse dia ele estava só como nunca estivera. Ou pensava que estava. O telefone tocou e ele atendeu:





— Olá! Alô!

— Saia daí... Saia daí! Rápido!

A voz era urgente, o tom o alertou para algo fugidivo que notou com o canto dos olhos, como uma mancha parda progredindo em seu campo periférico de visão. Resolveu atender a voz, não sem antes perguntar:

— Que aconteceu???

— Corra sem parar! Agora! Vá!

Ele sentiu um arrepio na espinha e todos os hormônios do perigo lhe acenderam a luz e ele se viu em disparada procurando abrigo em alguma das casas abandonadas à beira da avenida esvaziada, em corrida desabalada com a enorme sensação de algo lhe perseguindo nos calcanhares. Voltou-se e viu algo que o apavorou, uma fera, uma forma alongada, um animal de olhos enormes, uma mancha horrorosa a lhe correr atrás e ele acelerou o passo, certo de que seria pego, nunca correria tanto como agora, entre os carros para despistar o que o perseguia, ganhando tempo, segundos que iriam se tornar em sua sobrevivência, até que viu um portão aberto e se atirou por ele, correndo até dentro da sala da casa aberta e fechou com estrépito a porta da sala abandonada.

— Meu Deus, o que é isto? Com mil diabos!

Sentiu o telefone no bolso do moletom. Ele vibrava.

— Alô!!

— Está vivo! Graças a Deus!

— Quem é você? O que aconteceu?

— Um amigo. Feche as janelas e as portas. Tranque tudo. Ligue as luzes e não durma!

Ele estava apavorado, até porque repentinamente ouviu um grito vindo do telefone e a voz que o interpelava subitamente emudeceu. Como se arrancado por força espectral.

— Alô?

Silêncio. Nada. Seu amigo certamente morreria. Seu salvador certamente deixara este mundo, e ele só ouvia ruídos estranhos do outro lado, como um arrastar de móveis, um ruído que lhe lembrava



a serra de um açougue, uma lavadora de pratos ligada de porta aberta ou coisa assim.

— Que coisa é esta?

Ele obedeceu cegamente a voz que o aconselhara a fechar tudo e fechou as janelas abertas, as portas batidas nas paredes, trancou os portões de ferro da pequena casa desabitada e ligou a televisão: Sem imagens, sem comerciais, sem anúncios. Silêncio e estática cinzenta.

— Que domingo!

Óbvio que estava faminto, sentia nas veias ainda o fluxo dos hormônios viscerais que o tinham salvo na rua, sabe-se lá do quê. Procurou na casa, sem traço de viva alma. Foi à cozinha e comeu um frango dessossado que havia dentro da geladeira. Bebeu muita água, a sede era enorme. Sentia-se irritadiço, algo lhe fazia tremerem as mãos. Era impressão sua ou suas mãos... Não, era impressão. Toca o telefone, desta vez o da pequena casa. Ele vai atender e se surpreende com sua voz enrouquecida.

— Alô!

— Alô, como vai?

— Quem? Você de novo? Pode me explicar o que acontece aqui?

— Aqui, aonde?

— Em todo lugar!

— Pergunta ampla demais não? Eu também ia lhe perguntar!

— Como vou saber? Apenas saí para passear, aí todos desaparecem e você me liga no celular!

— Eu não liguei para você no celular !!

— Quem ligou então?

— Aonde?

— Hoje, na rua, quando peguei o celular!

— Não fui eu. Absolutamente!

— Então quem foi?

— Vou lá saber? Que papo de louco!

— Que quer de mim afinal?





— Só queria saber se...Estava bem. Estamos em uma enrascada e acho que não saio desta vivo!

— Como sabe disso?

— Não consigo mais correr. Tenho asma, vou morrer!

— Calma!

Caiu a linha. Ele, desorientado, agora saboreava o último pedaço de frango e em sua perna havia uma mancha de sangue discreta. Notou um corte, talvez adquirido quando correria do estranho ser que o perseguira nas ruas. Ele se ferira assim, ele tinha certeza. Ligou a televisão, nada, nenhum sinal.

— Estática de merda! Porquê?

Furioso, atingiu a televisão com o primeiro objeto que conseguiu partindo em mil pedaços a tela de vidro verde. Pronto, agora não tinha nem estática nem chiado, só o silêncio das nuvens baixas...

“Feche tudo. Não durma!”. Ele tentava se manter à tona mas seu corpo lhe enganava... Ele suava agora, às vezes dormia um pouco e acordava sobressaltado com os ruídos das folhas caindo nas ruas e o silêncio ensurdecedor do Nada.

Ele não sabia, mas aquele foi seu último domingo de sol.



DADOS

Flávio Martins da Silva

Belo Horizonte, 12 de abril de 2006

“Caríssimos, os fatos abaixo descritos compreendem minha rotina diária e a saudade que sinto dos anos dourados, da infância alegre e do mundo menos tecnológico”.

“Assento-me numa cadeira de frente pra um laptop e não há mais escrivania, caneta ou bloquinho de anotações. Esqueçam os cadernos de caligrafia, agora tenho um editor de textos que tem sempre a mesma letra, porque a moda agora é ser virtual. Um mundo evoluído em que a inteligência biológica se confunde com a artificial, o proibido com o permitido, a ética com a cibernética. O mundo se rendeu à informática. Qualquer um pode ser dadaísta, basta ter um jogo de Dados. O processo de criação se distanciou do Criador. A inspiração já não vem dos Céus, vem do Acaso. A originalidade está em risco e a criatividade foi googleada. As musas do Olimpo foram globalizadas e agora tem sobrenome ponto com. Temos sites, programas, plágio e dicionário eletrônico. Borges só no meu laptop, Chopin mora no meu ipod. As bibliotecas agora são virtuais, mas seus livros não têm cheiro porque o bit é inodoro, insalubre. O Joyce e o Pessoa, as tragédias e as comédias que outro dia impressionavam nas estantes, hoje cabem todos num disquinho de plástico. Plástico também não tem gosto. Morreram as traças e os ratos das bibliotecas. A evolução é pertinente, o que incomoda é a impessoalidade. Não há mais tantos saraus literários, criaram os blogs. O trovador bêbado e romântico de outrora hoje só bebe em boot-kin. Para que ler se a Rede me dá tudo resumido? Enciclopédia para que? Como no sexo, só preciso de uma conexão. E a conexão também oferece prazer. Porque o apelo sexual agora é mais visual, voyer. Uma imagem vale mais que mil carinhos. O telegrama de hoje é pouco, talvez seja melhor enviar um e meio. Precisamos nos atualizar porque as Janelas





foram lançadas em nova versão e esta não é mais compatível com serenatas! A reciclagem agora é também de conhecimento e o bit matou a letra cursiva. As teclas tomaram o lugar que sempre foi das canetas, do lápis. Tudo é digital, inclusive as digitais, livro, foto, diário, música e saudade. Todo mundo tem um fotolog e posso fazer e selecionar os membros da minha própria comunidade. Até Da Vinci virou código. O conhecimento é nulo se não há inspiração, hoje há compilação. Mas resolvi me adaptar e me rendi. Transformei a letra em bit e à luz da literatura crio um hipertexto, não uso mais caneta e papel. O que sei é escrevi meu último texto num plano curvo de modelo variável dentro de um livro de luz! Encontro a solução táctil quando digito uma palavra que já não é mais palavra, é comando. Aperto teclas e mordo o lábio porque a caneta é inútil. Opinião nem é tão importante porque minha pátria é minha Rede, e essa Rede é minha Língua. Meu cérebro agora é periférico (hardware)! Minha memória é fruto de uma compilação de dados extraídos de vários sites. Antes eu sabia falar, hoje minha voz são meus dedos e minhas palavras são Words, as letras caracteres. Tenho convulsões e minha mente medula pelo lóbulo da minha orelha num mp3. Sou uma antena móvel acessível ao mundo digital. Download, upload. Envio, recebo. Se fujo disso, fico marginal. Minha letra é um signo, um símbolo matemático. Lançaram mais um jogo, eletrônico, porque pôquer é coisa do passado, futebol com os amigos só se for online! Não moro mais. Decidi me hospedar num provedor. Na minha antiga casa havia uma sala que se cansou de estar, queria ser, e hoje é sala de bate papo. Talvez esteja me tornando um homem-máquina alienado por um Sistema que não aceita aquele menino do interior e que escrevia garatujas. Apesar disso ainda sou capaz de chorar porque lágrima é água em estado sentimental (dígito não pode molhar). Se escrever ainda é arte, e se ainda há pensamento remanescente, a minha escrita é uma oração pela volta ao paraíso.”



A VERDADE DA MENTIRA

Lena Chagas

Ao que se sabe a humanidade sempre conviveu com a mentira. Platão já teorizava sobre o uso autorizado da mentira na política, referindo-se a duas espécies de mentira: uma moralmente admitida — ou mentira útil —, e outra absolutamente condenável, a mentira autêntica. Nietzsche escreveu que o homem precisa de mentiras. O poeta T. S. Eliot acrescentou que o ser humano não suporta muita realidade. Proust afirmava que a mentira é essencial à humanidade.

Percebemos, de fato, que a maioria das pessoas é tolerante com as chamadas mentiras convencionais e mentiras sociais — desde que não ofensivas nem mal intencionadas — e até mesmo concorda que, muitas vezes, a mentira se faz necessária ou se justifica. A tolerância a essas mentiras será maior ou menor, conforme os valores morais e éticos de cada um, e, quase sempre, visando evitar conflitos.

Mas o assustador, em nossos dias, é que a mentira assumiu uma dimensão institucional, esfacelando toda a estrutura ética do sistema e aniquilando, de vez, com a já frágil credibilidade. A mentira se justifica sempre que estiver em jogo os interesses e/ou a sobrevivência dos poderosos. Ninguém é ingênuo ao ponto de acreditar que a verdade e a ética são virtudes inerentes e inabaláveis da política. Ao contrário. Mas monopolizar o discurso e as atitudes em bases fictícias ou negar o óbvio é, para dizer o mínimo, um deboche.

Esse comportamento se escancara principalmente na área política e governamental e já se banalizou de tal forma, que criticar o mentiroso é correr o risco de ser vaiado ou até sofrer um processo por danos morais.

Com esse aval, o mentiroso se sente seguro para demonstrar seu espanto arrogante frente à queixa ou indignação de quem o flagrou na mentira.

Alguns, tão acostumados à prática mentirosa — ao ponto de acreditar nas próprias mentiras —, chegam a derramar lágrimas sobre





os brios feridos, ofendidíssimos pela acusação "injusta" que alegam estar sofrendo.

Pagando por esse espetáculo nefasto, seguimos passivos a assistir comemorações dançadas no plenário, milhões de Reais aparecendo dentro de paredes, ou desaparecendo do país para aparecerem em paraísos fiscais ou em contas de 'laranjas' ou 'fantasmas', grandes e conhecidos corruptos sendo presos pela polícia com a mão na botija, em seguida sendo soltos pela justiça com toda a pompa e circunstância, sem que ninguém saiba nos explicar esses fenômenos.

Mas afinal explicar para quê, se já estamos acostumados a ver que do menor ao mais alto escalão todos são inocentes ainda que se prove o contrário?

Resta-nos lamentar a certeza de que, se não nas brechas da lei, o mentiroso encontrará amparo no colo da impunidade.



JOÃO E ADELINA

Luisa Ataíde

*"O tempo acaba o ano, o mês e a hora/A força, a arte, a manha, a
fortaleza:/O tempo acaba a fama e a riqueza/O tempo o mesmo tempo
de si chora:
O tempo busca e acaba onde mora/Qualquer ingratidão, qualquer dureza/
Mas não pode acabar minha tristeza/Enquanto não fizerdes vós,
Senhora."
— Luís de Camões*

Conheci Adelina beirando os oitenta anos e os olhos azuis eram duas pedrinhas embaçadas pela catarata. Os cabelos longos se perdiam numa extensa trança rala que descia, aonde terminava o lenço sobre a cabeça. Adelina, já curvada pelo peso dos anos, quase não sorria: era só uma velhinha. Para nós, os outros, precisava apenas de uma cama encostada na parede onde prendesse as fotos em marrom e bege. Fotos com estórias cheias de risos e lágrimas. A estória de Adelina nascia de um grande mosaico colorido que fui formando ao longo dos anos. Isto não é conversa pra criança, era o que eu ouvia enquanto a porta ia avançando contra o meu nariz. Dele tenho apenas o nome. João Ataíde era apenas um nome perdido nas bocas das tias. A foto pregada na parede da cama mostrava um homem, de média estatura, segurando um livro grosso com papéis saindo pelas páginas. A fotografia retratava um professor de escola primária do norte de Portugal. Eu olhava do outro lado da cama o homem incomodado sob a luz do sol. Minha avó Magnólia dizia que o pai atravessara o oceano em busca de melhores dias em terras brasileiras. Encontrara nas dunas de areia do Espírito Santo a brasileira de olhos azuis. Os fatos que conheci depois vieram embaralhados. Sei que João e Adelina tiveram quatro filhos e que a moça da praia não fora o modelo de mãe e esposa que ele sonhara. Os portugueses que aqui aportaram, no fim do século XIX, eram dotados de tino comercial. Todos os Joaquins, Manuéis e Antônios de minha infância





possuíam prósperas quitandas ou padarias. João Ataíde era um homem voltado para os livros; varava as madrugadas sob luz da lamparina. Lia e anotava incessantemente. A esposa não passara das carteiras do grupo escolar e não se seduzia por livros com estórias transbordando dentro. Assim foi formando-se, pela erosão dos dias, um imenso buraco entre os dois. De um lado Adelina e seu cesto de peixes, do outro João e os poemas dos livros. Hoje, entendo porque as mulheres da família apontavam Adelina como o avesso do pano. Todas do álbum de fotografia tiveram muitos filhos e enfrentaram altivas os problemas, que entram pela porta com a filharada e pouco dinheiro. Todas permaneceram de pé, até o último ato.

Um dia, a moça da praia olhou o professor do outro lado da sala. Viu apenas um terno puído com um homem franzino. O som lusitano da voz já não lhe era canção ao vento. Sonhara com um português comerciante e uma mesa farta. Cortinas que voassem em rendas pela janela e mais que peixe miúdo e guandu sobre a mesa. Distribuiu os filhos entre os vizinhos, prendeu os cabelos numa trança bonita e bateu a porta. Neste ponto perdemos João Ataíde. Nunca perguntei às tias o que ele fez da vida. Voltou para o Porto? Chorou as tardes na praia? Continuou lendo Camões sob a luz da lamparina? Na verdade, perdemos João e Adelina. Esta só apareceu diante dos filhos muitos anos depois do fim da Segunda Guerra. Um dia Magnólia, a filha, abriu a porta da casa e lá estava um cesto vazio. Em pé, ao lado do cesto, uma senhora de olhos azuis.

Quando conheci Adelina, beirando os oitenta anos, já se chamava Dindinha, usava xale e arrastava um chinelo grande. Dizia meu nome com muitos "is" no meio e falava que eu devia ser professora. Ensinar a ler? dizia, é coisa de gente abençoada, gente de alma boa. Nós olhávamos juntas o jovem avô da fotografia. Acho que ela pensava que aquele imenso buraco na sala poderia nunca ter crescido. Começamos a aprender pela dor e pelo que perdemos. O amor de João e Adelina não morreu, mudou-se para algum lugar neste universo imenso. Acredito, procurando na vastidão do céu



pontilhado de estrelas, que um dia ela vai encontrá-lo no pátio da escola e estender-lhe um velho poema português. O rapaz ficará comovido com o interesse da jovem por literatura lusa e trocarão idéias afins.

Aprendemos também pelo riso que vem junto com o que reconstruímos.





METAMORFOSE AVESSA

Marcelo Paradyse

Todos aguardavam ansiosos olhando para o chão. Olhares atentos miravam a terra que já se remexia e logo podia-se ver as mãos brotando do solo coberto por fina grama. Os ânimos se exaltavam a medida em que o corpo se erguia e ouvia-se murmúrios diante da aparição daquele novo ser. A pequena multidão de jovens senhores e velhas crianças abraçava-se diante de mais um parto do planeta Arret. Esoj nascera tossindo, cabelos grisalhos, pele enrugada, gozando de péssima saúde como qualquer ancião normal.

A natureza então logo se encarrega das transformações que trariam um pouco mais de vitalidade, o suficiente para começar o longo caminho que seria percorrido. Os olhos traduziam melhor as imagens, os sons já poderiam ser captados com mais clareza e as pernas já sustentavam com mais eficiência o corpo de pele um pouco mais viva.

Solidão era o caos. Airam a salvação. A imagem perfeita daquela que deveria seguir seus passos até a hora exata. Momento ideal de dar e receber. Perguntar e responder. Crescer.

O tempo passava lentamente para os olhos de quem tem em seu âmagô a sensação de que é o momento ideal para refletir sobre o futuro e apenas aguardar os muitos momentos que virão. Incomensurável é a satisfação da certeza de que o futuro o aguarda com os braços abertos para acolher um ser que contará com uma fonte progressiva de condições físicas favoráveis para aproveitar de forma muito mais propícia todas as realizações próprias acumuladas.

Constrói-se então com toda calma o que se consumirá com fervor.

Airam se foi. Muitas viriam. Juventude, disposição, sensação de poder que rege as ações daqueles que se apegam ao prazer de não se prender a nada. Anos se passam entre o total descompromisso com tudo aquilo que foi construído e a certeza de que logo não se lembrará.



Mente enferma em corpo são. Os diversos sentimentos interiores acumulados durante todas as etapas de uma existência se conflitam com o vigor intrínseco da adolescência. O corpo pede, a mente nega e o tempo passa.

O espelho já refletia os sinais do tempo. Não mais podia observar os pêlos em seu corpo e a pele agora estava lisa como seda. Os olhos contemplavam atônitos as pequeninas mãos e logo começaria a engatinhar.

O mundo parece engolir o corpo que perde massa. O pouco de consciência que permanece é sustentada por uma interessante condição de lembrança dos tempos mais recentes de total gozo da vida, perdendo-se nos vácuos da memória toda uma história de vida dedicada às responsabilidades e obrigações de tempos remotos.

Onze dias numa incubadora.

O cortejo seguia os corredores da construção envolto em uma atmosfera de profunda angústia em direção à sala do dia final. Todos de branco, olhavam tristes para o centro do cômodo repleto de flores. Mãos firmes, sujeito de preto, sete palmadas e o choro estridente que guiaria o pequeno bebê à eternidade.





MARCELA

Marcos Correia

O dia amanheceu cinzento na Ospedale della Pietà. A bruma úmida e opressiva não combina com a luminosidade de Veneza. Mas combina perfeitamente com o estado de espírito de Marcela.

A jovem órfã, mal chegada à puberdade, experimenta sentimentos contraditórios: euforia, tristeza, arrependimento misturado com uma satisfação imoral. Medo da danação, vontade de pecar mais. Só pode mesmo ser pecado o que ela fez com o professor de violino.

“Ele é padre, pelo amor de Deus! Vou arder no inferno!”, pensa Marcela. Mas nem este pensamento é suficiente para refrear um calafrio de lascívia, que lhe percorre a espinha de alto a baixo. Impossível apagar as sensações, ainda sobre sua pele como estigmas. Impossível apagar as imagens que invadem sua mente. O mestre deitando o violino sobre a mesa na sala de música, caminhando lentamente até ela, afastando-lhe a blusa e beijando-lhe o ombro nu, irradiando desejo. O violino que Marcela apoiava sobre o outro ombro ress entiu-se instantaneamente de uma nota arruinada, a haste a tremer em sua mão, a aula definitivamente interrompida. Depois o padre procurou sua boca. Não encontrou nenhuma resistência. Tampouco o vestido foi obstáculo para as mãos famintas que subiram por suas pernas, em busca de seu sexo já úmido. Estavam naquela entrega hipnótica quando um barulho no corredor tirou Marcela do transe. Meio embriagada, a órfã teve força para repelir aquele desejo que também era dela. Foi há dias, mas parece que aconteceu há alguns segundos.

Marcela levanta-se bruscamente da cama tentando espantar o fantasma que a acoisa. Esfrega a face com as mãos, enrosca os dedos entre os cabelos ainda desgrenhados. Ele está aqui, dentro do quarto, a seu lado, tocando-lhe, beijando-lhe. Evitá-lo é tarefa além de suas forças. Tem sido assim desde a última lição de violino.



O ato de pentear-se é levado a cabo mecanicamente. Marcela tem consciência apenas de sua beleza morena, os cachos negros envolvendo-lhe o rosto de lábios vermelhos — os lábios que ele beijou — os cabelos descansando sobre os ombros - que foram igualmente beijados. O colo bem feito, os braços macios, as coxas grossas, tocadas com tanta luxúria naquela tarde. Marcela sente uma nova onda de sensualidade, admirando-se nua no espelho. O vestir-se é um gesto inconsciente, executado sem qualquer atenção. Ainda no café da manhã permanece com um olhar vazio, mexendo na xícara com a colherinha, distraída. “Hoje ele vem de novo”, rememora. É dia de lição de violino.

A madre superiora, encarregada do orfanato, aproxima-se com sua obesidade alegre.

— Bom dia, Marcela. Hoje tens aula de violino, bem sabes.

— Como poderia esquecer, Madre? — responde, com mais sinceridade do que a religiosa poderia supor.

— Um santo, o padre Antonio. É pena a asma tê-lo impedido de celebrar o sacramento da eucaristia. Mas o bom sacerdote encontrou na música outra forma de servir a Deus.

— Gostas das composições do padre Antonio, Madre?

— Claro, sou mais moderna do que imaginas, responde rindo a bondosa mulher. — Talvez lhe falte um pouco de sofisticação, mas com o escapar de uma melodia tão envolvente?

Sim, a música de padre Antonio é sedutora como ele. Simples, alegre, sem rebuscamentos eruditos. Transpira jovialidade. Foi ela, a música antes do homem, que conquistou Marcela.

O dia passou arrastado, o céu cinzento impondo-se à paisagem. A treva impondo-se também sobre a alma de Marcela. Cumpriu suas obrigações, ajudou a cuidar das órfãs mais novas, fez reparos em alguns velhos lençóis, varreu, lavou, buscou no trabalho o abrigo para suas ansiedades. Mas a cada minuto, voltava a presença antecipada de padre Antonio.

O carrilhão da sala de visitas indicou quatro horas da tarde. O coração de Marcela pulou com cada batida, a boca ficou seca.





Momentos depois deparou-se com o vulto elegante dirigindo-se para a sala de música, acompanhado da Madre Superiora. Tentou conter o nervosismo. Tomou o estojo com o violino, e seguiu para lá.

— Posicione o violino. Vamos começar com a escala, para aquecer, disse o mestre com voz macia, tão logo ficaram sozinhos.

Marcela ficou surpresa e, mesmo não querendo admitir, desapontada. Então não recebe nem uma palavra afetuosa, nem uma menção à última aula, tão calorosamente interrompida? Começou a escala, mas não conseguiu se concentrar. Quase não foi capaz de tirar qualquer ruído do instrumento.

— Concentre-se! Exigiu o padre, com voz imperiosa.

O desapontamento transforma-se em raiva. Com a expressão sombria como o tempo lá fora, Marcela esmera-se na lição. Quando dá por si, está com o mestre a suas costas, reclinado sobre ela, sussurrando:

— Não é a asma que me impede de ser padre. És tu.

Marcela foi incapaz de responder qualquer coisa.

— Minha doença não é tão grave assim. Para dizer a verdade, existe muito de exagero em minhas queixas.

Silêncio.

— Não consigo macular o sacramento. Sou um pecador com escrúpulos. Nunca vou exercer o sacerdócio plenamente, embora acredite que o sagrado ministério jamais será tirado de mim. Mas prefiro a vida, Marcela minha amada, prefiro o toque da tua pele a todas as glórias eclesiais!

Marcela continua sem saber o que responder, envolvida pelo calor daquele hálito másculo em sua nuca, arrepiando-lhe a raiz dos cabelos negros.

— Componho uma grande obra. Tu és minha musa. É uma composição forte como a Natureza. Chamo-a "As Quatro Estações".

A confissão deixou subentendido que o mundo jamais saberia quem era a musa inspiradora de padre Antonio. O escândalo seria demais para ela, para ele, para a sociedade hipócrita de Veneza. Ainda em silêncio, a moça levantou-se. Olhos pousados sobre o



homem que a idolatra, começou a despir-se lentamente, sem ter plena consciência do que fazia. Logo o volumoso vestido espalhou-se a seus pés. As roupas de baixo foram retiradas com uma suavidade constrangida. Marcela fitou o homem à sua frente, com os olhos verdes muito abertos, um leve arfar do peito excitado. Padre Antonio limitou-se a admirar aquela beleza virgem e adolescente, um olhar deslumbrado, vítreo. Depois de um momento que pareceu longo demais, saiu rapidamente da sala, com as mãos sobre a face. Atrás de si, permaneceu uma atônita Marcela, recompondo-se desajeitadamente.

Passados alguns dias, a órfã encontrou a Madre Superiora a caminho da capela do orfanato.

— Então já sabes da novidade?

— Que novidade, madre?

— Padre Antonio está chamando a atenção a toda a gente.

Marcela gelou. Teria ele, num arroubo de loucura, confessado seu amor proibido em praça pública? Com esses artistas, nunca se sabe.

— Disseram-me que anda pelas ruas, a gesticular, como que empunhando uma batuta, cantarolando “pã pã pã pã” num ritmo inusitado. Parece que foi mordido por animal venenoso, com febres, sem concatenar as idéias.

— Que terá ocorrido, Madre? — perguntou Marcela, temerosa.

— Ora, anda a gritar que a inspiração enfim o visitou. Que vai compor uma obra imortal, que além dos séculos será executada nos grandes teatros e salas de concertos! Pobre homem, um compositor tão talentoso, mas também tão pouco acadêmico...

A conversa ficou por aí. A Madre indiferente seguiu seu caminho para as orações, Marcela angustiada disfarçou o sofrimento e foi para seu quarto.

A luminosidade de Veneza voltou com todo seu esplendor nas semanas seguintes. Céu azul, o jardim do orfanato parecendo mais vivo do que nunca. As meninas, esquecidas de suas histórias de amargura e abandono, brincando alegres pelo gramado. Tudo sorria,





como se a maldade tivesse se ausentado da terra por um período. Mas uma pessoa não partilhava dessa alegria. O professor de violino não mais voltou. A Madre atribuiu as frequentes ausências à suposta demência que teria afetado o músico. Não deu maior importância ao caso. A Marcela, coube a saudade.

Muitos anos se passaram. A beleza de Marcela prevaleceu sobre o tempo, como se os ponteiros do relógio dessem voltas mais lentas para ela do que para os outros mortais. Casou-se com um generoso e amável comerciante de Viena. Generoso a ponto de relevar sua condição de órfã, defeito grave para os rígidos padrões de uma sociedade de aparências.

A vida dos dois estendeu-se previsível, tranquila. Não faltou amor. Marcela soube corresponder ao sentimento do marido, embora sem a paixão que experimentara certa vez, durante uma aula de violino. A ausência de fervor, porém, não foi impedimento para a chegada dos dois filhos, um casal. A menina com os mesmos olhos verdes e profundos da mãe. O menino, herdeiro de seus cabelos negros e cacheados. A mulher conheceu os pequenos prazeres e infortúnios próprios da maternidade. As febres, as dores de ouvido, os sorrisos e brincadeiras, as primeiras palavras. Os bebês transformando-se rapidamente em criaturas irrequietas e inteligentes, crescendo a olhos vistos.

As aulas de violino nunca mais foram retomadas, o estojo com o instrumento deixado de recordação para a chorosa Madre Superiora, no dia em que Marcela saiu do orfanato com o futuro marido. Em Viena sua vida cultural limita-se à apreciação da música nos teatros. Numa dessas ocasiões, assistiu à interpretação de uma peça de Vivaldi, numa apresentação restrita, para pequeno público. Enxugou uma lágrima ao final d'As Quatro Estações. O marido, incapaz de imaginar o que se passava, apenas entregou um lenço à mulher, como consolo. "Tão suscetível às artes, assim é minha querida", considerou em silêncio. Mãe e esposa, Marcela percebe que é feliz, ainda que convivendo com um fantasma que, vez por outra, a visita em sonhos, ou mesmo durante a vigília. Um fantasma que a chama de musa.



Uma noite, no teatro, a presença do antigo amor tornou-se mais forte, quase física. Marcela e o marido encontraram um amigo, promotor das artes, no intervalo de um espetáculo. A conversação acabou girando em torno da música barroca, discussão sobre artistas consagrados, novos talentos que despontavam. O homem perguntou se o casal conhecia um compositor de pouca expressão, Antonio Vivaldi. Marcela ficou muda com a enxurrada de paixão que a invadiu. Ouviu num misto de desespero e dor, a notícia da morte do artista, sem recursos, enterrado em sepultura anônima e simples, pouco distante da miséria. Certamente condenada ao anonimato também estava sua obra musical, na opinião do mecenas.

— Muito anti-acadêmico, quase simplório, popular demais, sentenciou.

— Não foi ele quem compôs uma obra belíssima? Como se chama? Ah, sim, “As Quatro Estações”? — perguntou Marcela, tentando disfarçar seus sentimentos.

— Desculpa-me, dessa obra em especial, nunca ouvi falar. Vê que não dediquei muito do meu tempo à apreciação de Vivaldi.

Exigiu muita sutileza comunicar ao marido, sem despertar suspeitas, sua vontade de fazer um passeio solitário, logo no dia seguinte. Mais trabalho ainda teve Marcela para descobrir onde estava o túmulo de Vivaldi. No cemitério nenhuma palavra a dizer, nenhuma oração a fazer, apenas o silêncio. O mesmo silêncio daquele dia, muito tempo atrás, quando ela se ofereceu ao amor, no orfanato.

Cai uma chuva fina de verão. Marcela deixa-se molhar. Pensa no julgamento do amigo no teatro, sobre a música de Vivaldi: “condenada ao anonimato”. De alguma forma, ela sabe que isso não é verdade. Não se trata de despeito. É mais uma intuição vinda de muito longe, longos anos à frente, ou quem sabe, de dentro da alma. No silêncio do cemitério, Marcela parece ouvir a composição que ajudou a criar, “As Quatro Estações” pairando no vento, enchendo de significado a tarde agonizante





O ENCANTADOR DE SERPENTES

Mariazinha Cremasco

AFETADAS PELA LUA

Mulheres que minguam quando a Lua minguar./Mulheres que incham quando a lua enche/Mulheres perineas: perigeu./Mulheres apolineas: apogeu/Mulheres efervescentes, em quartos crescentes, espetadas por foguetes nas crateras./Mulheres de fases, de gargalhadas à lágrimas./Mulheres de faces: claras e escuras.

— Fernando Bonassi

Esteve sozinha por três dias e, entretanto, não se sentiu só nem por um segundo. Pela primeira vez estava feliz com sua própria companhia. Foi da janela do pequeno apartamento que observou a lua. Minguante, linda (remete à introspecção e auto-análise). Um dia leu um poeminha onde o autor fazia a relação, mulher/lua, “Mulheres que minguam quando a lua minguar”. Pensou que podia ser verdade. A lua minguava, e ela também. Mas tal como a lua, ressurgiria nova. Lua nova, nova mulher. E dessa vez era para valer (lua nova: remete a um período a que se dá início a tudo que for novo). Sentia-se assim mesmo: nova. Nova como o satélite natural estaria em sete dias. Renovou-se antes da lua.

Nos três dias de solidão aprendeu a prestar atenção nas coisas, ler nas entrelinhas, perceber os detalhes. Parou de atropelar sentimentos e deu uma freada nos pensamentos insistentes e desordenados. Serenou, baixou a guarda. Num destes dias foi ter com quem pensava ser um guru, e deu de cara com um encantador de serpentes, um hipnotizador. Ele negou ser tudo isso. Disse que, no máximo, poderia, talvez, encantar “pessoas”, não serpentes.

Mas com ele aprendeu. Aprendeu a tomar café com canela e sentir seu real sabor. Sorver com carinho e delicadeza, sentir o perfume do pau de canela. Quantas vezes já tinha tomado esse café sem ao menos sentir. Tomava automaticamente, olhando para os lados, sempre apressada. Pressa de que? Pressa de ir a lugar algum.



Talvez pressa para fugir de si mesma. Hoje não fugiria. Queria ir fundo, descobrir sua alma, sua essência. E o encantador a ensinava.

Sabia agora que tinha um lugar definido, e o café era o sinal de que esse lugar existia. Com o Encantador de Pessoas aprendia a ver sem olhar, a sentir sem tocar, a "ouvir a escrita", a ler os sinais. Ela era uma PESSOA, uma Vila Rica, feliz com a descoberta. Voltou para casa desejando que a NOVA pessoa ficasse para sempre.

Na estrada o sol brilhava no céu azul, na cidade, o trânsito, o caos e ela ainda tentando ler nas entrelinhas, esforçando-se para manter-se NOVA. Apenas três dias consigo mesma e tanta coisa sentida.

O corpo fala, os olhos, principalmente, e coincidências não existem.

[SERENAR:

v. 1. Tr. dir. Tornar sereno. 2. Tr. dir. Acalmar, aquietar. 3. Tr. dir. Aplacar, pacificar. 4. Intr. e pron. Acalmar-se, tranquilizar-se; desanuviar-se, voltar ao estado primitivo. 5. Intr. Abrandar, amainar. 7. Intr. Dançar suavemente. 8. Intr. Chuviscar]





A ÚLTIMA CHANCE

Mauro Darcy Spinato

A coxa ainda dói. Os joelhos sujos de grama e terra têm pequenos espaços sem pele. Os jogadores andam a sua volta, inquietos. A bola está fixa no local indicado pelo juiz da partida. Com o pé em cima da bola ele observa a movimentação. Está frio, impassível. Sente-se o centro do universo quando tudo parece acontecer em câmara lenta. Por um momento deixa de ouvir gritos, um rufar de vozes se agiganta fazendo com que o estádio inteiro curve sobre ele.

Muitas vezes presenciou cenas como esta e em todas elas imaginou-se como protagonista. O dia chegou, hoje não é mais imaginação. É o último minuto de jogo, o tudo ou nada, o último chute, o ataque final. A expectativa do gol, a expectativa da vitória ou do fracasso. A responsabilidade em seu pé, num único chute. A bola balançando a rede e a fama, um futuro, um lugar na história. Um erro e o esquecimento, o limbo.

O som do apito tira-o dos pensamentos. A barreira está pronta. Sete homens de vermelho contrastam com o verde do gramado, obstruindo-lhe a visão. Afasta-se da bola em passos lentos, para trás. Tudo é silêncio, agora. Não vê o goleiro, apenas os postes e o travessão. Faltam segundos. Olha para cima em busca de Deus, mas encontra o tempo do jogo gravado no placar. Quarenta e sete minutos, não há mais tempo, é a última chance. Fixa os olhos na bola uma última vez, como a implorar que ela siga o caminho certo. O juiz apita novamente. Seus pés movem-se lenta e vigorosamente em direção à bola. Uma pancada e ela ergue vôo. Como um corpo celeste, gira em seu próprio eixo enquanto segue em sua derradeira órbita. Aos passar pelos homens de vermelho, o quinto jogador pula tentando interceptá-la com a cabeça. Em vôo. Ela segue numa parábola perfeita, matemática. O goleiro decola rumo ao mais





longínquo canto de sua fortaleza. Os dois em pleno ar, disputam uma corrida de frações de segundo. Quem será mais rápido?

A mão se estende, mas a bola passa balançando a rede. A fortaleza está devassada e as asas do guerreiro somem em pleno ar, derrubando-o estrondosamente ao chão. É o fim. É a glória; e a ruína.





A CADEIRA DE ESPALDAR ALTO 11

Oswaldo Luiz Pastorelli

Camila colocou a cadeira bem no meio do escritório que estava sendo montado, para que a luz do sol a iluminasse bem. Assim que Rafael entrou, não deixou que ele fosse se lavar e se trocar, na mesma hora lhe disse:

— Tenho uma surpresa para você.

Não acostumado com surpresa, Rafael curioso queria saber o que era, mas teve que obedecer aos desejos da namorada. Detestava essas futilidades. Com os olhos vendados percebeu que era levado à parte superior da casa, notou que entravam no escritório.

— Estamos chegando. Espere. Isso senta nessa cadeira.

— Anda logo, não gosto dessas coisas...

— Calma. Vou tirar a venda dos seus olhos.

Rafael impaciente sentou na cadeira. Notou a maciez do estofado e a madeira lisa dos braços.

— Espere, não tire a venda dos meus olhos, gritou ríspido para Camila.

Assustada com o tom da voz do amante, ela se afastou. Rafael continuou sentado tateando os contornos, as inscrições no espaldar, e cada milímetro que sua pele tocava na cadeira, era como se rasgasse a carne num sangramento invisível. Uma onda de ódio tocou o peito revelando indignação. Os dedos crispados apertavam com força o braço da cadeira até que os ossos soassem em dor lacerante.

Num ímpeto arrancou a venda se levantado. Camila temerosa encostou-se a parede. Rafael com os olhos injetados de sangue berrou:

— Você vai devolver essa porcaria agora.

— É teu presente de aniversário.

— Não quero, quem mandou comprar, não pedi, portanto devolva.

— Você não gosta de móveis antigos?

— Sim, mas não essa cadeira horrível.



— Pensei que você gostaria...

— Você pensou, o que não devia. E nada lhe dá o direito de pensar. Essas coisas eu quero comprar, vê se me entende, certo? E quem disse que você entende de antiguidades?

— Certo. Não entendo...

— Então, faz o favor, amanhã quando eu voltar não quero ver essa porcaria. Estamos entendidos?

— Sim, disse balbuciando as palavras.

Magoada deixou-se cair na cadeira enquanto ouvia os passos de Rafael descendo a escada e a porta da rua batendo com força. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas no mesmo instante sentiu mãos acariciando seu corpo levando-a a cair numa letargia. Sonolenta não ouviu o som de freada e o baque de corpo sendo atropelado.





O ALUNO

Raimundo Antonio Lopes

Tinha o ar desafiador e gostava de demonstrar isso todas às vezes que podia. Raras vezes permanecia na sala depois que eu entrava. Se ficava, tinha sempre uma frase irônica, provocativa, insolente. Perturbava mais do que devia e era permitido. Mostrava indiferença nas explicações e isso de uma forma rebelde, agressiva. Discutia com os colegas na minha presença e usava de todas as maneiras para fazer com que eu o chamasse a atenção. Se me encontrava pelos corredores da escola, sorria ironicamente, depois estufava o peito com ar de superioridade.

Era sempre assim. A despeito de tudo, eu não o incomodava, não o repreendia, nem tampouco pedia para ele ser punido. Não. Havia algo naquele jovem que me intrigava e que fazia com que eu dedicasse tempo para refletir sobre sua conduta. Ao invés de punilo, retirando-o de sala; ao invés de solicitar uma punição por parte da direção (o que seria até justo), fiz o contrário: passei a observá-lo, tentando entender tanta raiva, tanta rebeldia.

Descobri, por exemplo, que nos intervalos, ele gostava de ficar em um canto da quadra, sozinho, pensativo e olhar distante. No refeitório era sempre muito disciplinado, e sempre que terminava de “merendar”, fazia questão de colocar a cadeira no devido lugar e sair juntando os pratos deixados “esquecidos” por seus colegas.

Fui anotando cada descoberta, tentando traçar um perfil para aquele adolescente de 15 anos, que era indisciplinado por um lado, e completamente surpreendente, por outro. Tomei uma decisão: ia tentar me aproximar para conversar e, se pudesse e fosse necessário, ajudá-lo. Daria conselhos, orientações e um pouco de amizade, se ele quisesse.

Tinha experiência nesse sentido, apesar de já ter perdido vários alunos para o “mundo”: alguns, com atitudes parecidas como as dele; outros, já chegavam “infeccionados” pelas maravilhas da rua,



dos seus donos. Só uma coisa era igual: a realidade social de todos eles. Fiz várias tentativas, todas em vão. Era sempre assim: eu chegava, tentando puxar conversa, o silêncio como resposta e, depois, o mesmo ar irônico, o peito estufado, a saída do local.

Ja perdendo a esperança, ia perdendo mais um aluno.

Porém, a ocasião para a aproximação, finalmente aconteceu. Tem um ditado que diz: “não há um mal que não traga um bem”. Parecido. Numa tarde, ao chegar à sala de aula, ele quando me viu, levantou-se para sair. Eu, por um acaso do destino, fui chamado à sala dos professores, e voltei.

Ele, com sua rebeldia, sua superioridade de adolescente dono do mundo, ao sair, bateu com força a porta da sala, esquecendo sua mão nela. Grito foi o primeiro som que ouvi. Depois a correria dos outros alunos para ver a cena, o sangue e o choro. Corri, afastando-os, procurando evitar que mais uma cena absurda fizesse parte da rotina deles.

Ele olhou-me, pedinte. Amparei-o. Disse-lhe palavra para acalmá-lo. Levei-o a emergência de um hospital, onde foi feita uma pequena cirurgia para restaurar dedos e artérias da mão. Providenciei a medicação, repassei-lhe os cuidados que deveria ter e tomar. Levei-o em casa. Era simples, cheia de irmãos menores. Apenas a mãe. Na saída, ele levantou os olhos, agradeceu-me quase sereno, apesar da lágrima que escorreu pelo seu rosto.

Hoje sempre nos encontramos na Universidade. Não perdi um aluno, ganhei um amigo e o país, um futuro advogado. Sua raiva de adolescente? Bem, eu era parecido com o pai que os abandonara...



AS LUZES NÃO BRILHAM MAIS COM A MESMA INTENSIDADE

Sharon Ratis

— Eu odeio este poder maldito que dei a ele, poder de decidir se meu dia vai ser bom ou ruim. Este poder que ele tem de me alegrar com um oi ou de me jogar no mais profundo dos oceanos sem dizer nada, apenas não falando comigo, como se eu fosse invisível. Odeio porque fico em suas mãos e nunca estive nas mãos de ninguém, então não sei lidar bem com isso. Quando o vejo, sabe? Quero falar, dizer que estou com saudades, que pensei nele o dia todo, que quero estar com ele. No lugar disso, tenho de ficar quieta, amordaçada, esperando que ele se manifeste. Você não sabe o que é para uma pessoa, como eu, ter de ficar calada.

— Porque se eu tomar a iniciativa, vai parecer cobrança. E não é cobrança. Estou lhe dizendo que não é. Nem tenho condições de me colocar nessa posição. E quando ele dá o ar de sua graça, fico tão feliz! Tão feliz que deixo toda a tristeza para trás, perdida. Se você pudesse me ver! Se pudesse ver o sorriso que escondo dele! O brilho dos meus olhos! Se você soubesse o quanto ele alegra o meu dia, o fim de semana, a semana toda! Ele também não sabe. Se soubesse, eu estaria lhe dando mais poder ainda. Um poder muito maior do que esse que ele já tem que é o de controlar minhas emoções. Então prefiro deixar assim, meio que não falado. Embora, no fundo, ele saiba. Ele é tudo, menos burro. Aliás, ele me conquistou com sua inteligência. Enfim, alguém a minha altura! Quanto mais inteligente você é, mais sozinho você fica, te garanto. Às vezes, sabe? Canso de ser sozinha.

— Ele não me julga tão inteligente assim. Se julgasse, não perderia o pouco tempo que ele não tem. Não sou mais tão jovem, mas ainda tenho todo o tempo do mundo. E quero passar este tempo ao lado dele. Pelo menos, os bons momentos. Desculpe, qual foi mesmo a pergunta que você me fez?



— Não é só isso, não. Odeio não poder fazer o que quero na hora que quero. É como ser castrada. Você é homem, entende melhor do que eu. Ah... não é homem... Tudo bem, é do gênero masculino. Saí do assunto de novo. É que é mais fácil falar do que não quero do que falar do que eu quero. Falar do que não gosto do que falar do que gosto.

— De viajar, eu gosto. É uma das coisas da qual mais gosto. Viajar assim, sem pousada, sem nada. Colocar a mochila nas costas, pegar um ônibus e partir. Avião, não. Tenho medo. Há muitos lugares que eu gostaria de conhecer por essas minhas andanças, mas ainda não é isso. Porque isso consigo sozinha, não preciso de sua ajuda, obrigada. Basta que eu me dedique um pouco.

— Tem razão. O problema é esse, não consigo me dedicar a nada por muito tempo. Desvio a atenção, me canso logo. É que a vida é tão curta e tão cheia de possibilidades! Fico querendo provar todas.

— Talvez ser mais centrada. Escolher uma coisa e ser capaz de ir atrás dela até o fim, não ficar encantada com outros caminhos e depois nem saber como fui parar ali e acabar me esquecendo do projeto inicial. É por isso que nunca acabo o que começo, sabe? Eu me esqueço. Vou te dar um exemplo. Imagine que eu peguei uma trilha imensa para chegar à praia. É só seguir a trilha que chego lá. Mas essa trilha é tão bela, tem tantos pequenos caminhos que dão em outros pequenos caminhos com tantas oportunidades fantásticas que acabo me enveredando por eles, descobrindo coisas fabulosas que, na maioria das vezes, levam a nada, mas são tão deslumbrantes apenas por existirem que, quando me dou conta, não sei como cheguei ali, não sei como voltar e não sei qual era a idéia inicial. Então, já que estou perdida, continuo por ali, só para ver onde vai dar. E surgem outros caminhos, outras possibilidades. E fico sem saber o que quero mais. Ou o que quero primeiro. É como ter vários livros interessantes para ler. São tão fascinantes que você não consegue escolher por qual começar sua leitura e acaba não lendo nada. Você tem demais e por isso, não consegue escolher.

— Bens materiais nunca foram meu sonho de consumo. Porque





acho que tudo o que o dinheiro compra é muito barato. O dinheiro comprou minha viagem, meus caprichos tolos na cidade onde ele mora, mas não teve nada a ver com a forma como me senti naquela tarde. Nem todo o dinheiro do mundo compraria aquela sensação. Isso foi ele quem fez. Ele transformou um dia de primavera na tarde mais encantadora do mundo, daquelas tardes que não podem se acabar, o sol tem de continuar brilhando para sempre.

— Não, não quero uma tarde com um sol eterno. Seria um tédio sem fim. Como o Dia da Marmota, sabe? Você não está entendendo. A tarde terminou, o sol se pôs, ele se foi. Mas as luzes brilhavam com tanta intensidade! Noite mais bonita, mais intensa, nunca mais vivi. A lembrança de ele ali, estendido, nu, era tão perfeita que bastava fechar os olhos e eu podia sentir o gosto de seu corpo. Aos pouquinhos, as luzes foram perdendo seu colorido, seu brilho, o gás foi acabando. E de tudo o que vivi só ficou este poder maldito que dei a ele. O poder de acender as luzes do meu mundo ou de me jogar nas profundezas das trevas. Nunca mais as luzes brilharam do mesmo jeito. Porque nunca mais fui feliz, realizada, plena do jeito que fui naquela tarde.

— É este meu sonho, senhor Anjo — Caído ou não — quero outra tarde com ele, para que ele possa fazer as luzes brilharem com aquela mesma intensidade só mais uma vez. Onde você quer que eu assine?



A PRIMEIRA VEZ

Tatiana Alves

Para tudo há uma primeira vez. E, no caso das mulheres, geralmente dolorosa. De menstruações a partos, os rituais que envolvem a condição feminina são, muitas vezes, assustadores e sofridos. E com ela não seria diferente. Sabia que isso constituía o preço a ser pago pelo ingresso da mulher na vida adulta. Morria de medo só de pensar na dor, mas todas as amigas já tinham passado por aquilo, e ela não queria ficar para trás. Uma lhe tinha dito que sim, realmente doía muito, mas depois valia a pena. Outra disse que nem tinha sentido dor, mas ela particularmente não acreditava nisso.

Visualizara mentalmente toda a experiência, pesara prós e contras, e decidira que não iria ficar esperando hora e momento certos. Era agora, ou nunca. Como algo que ela achava tão bonito poderia infligir tanta dor? Prometera à mãe que não faria enquanto não se sentisse pronta, mas as amigas a vinham pressionando, e ela já estava começando a ficar incomodada com aquela situação. E todas, sem exceção, ficaram muito mais bonitas depois.

- Já decidi. Quero que seja hoje.
- Você tem certeza? Não vai se arrepender depois?
- Não. E vamos logo, antes que eu perca a coragem...
- Não vai doer, eu prometo. — a voz do rapaz era quase doce, ao tentar acalmá-la.
- Você promete que vai devagar? — os olhos da menina não escondiam seu desespero.
- Nesse tipo de coisa, não dá para ir devagar. É rápido, mas passa logo.
- Ai, meu Deus!... Posso ficar de olhos fechados?
- Claro que pode.
- Vai demorar muito?
- Calma que eu tenho que ter cuidado. Não quero que você pegue uma doença. Isso aqui não é brincadeira, não.





— Tá, vai logo, por favor.

E então ela sentiu a dor mais intensa que já havia experimentado ao longo dos seus quinze anos. Uma dor contundente, absurda, uma sensação de estar sendo invadida, mas por um ato que a colocaria definitivamente em pé de igualdade com as amigas.

— A outra, agora...

— Hã? — sentia que algo nela latejava, mas sobrevivera.

— A outra orelha, menina. Ou vai querer ficar só com uma furada? — o rapaz na farmácia começava a perder a paciência.

— Ah, tá, moço. Peraí só um pouquinho, p'ra eu poder respirar...



VESTÍGIOS

Tieme Mise

A noite surpreende-me a mostrar os primeiros clarões da alvorada pela janela fechada por onde o sol faz um esforço enorme para entrar. As sombras se atenuam. Toco meu rosto e sorrio com suavidade. O sonho insiste em ficar, sem compreender que um novo dia nasceu. Já é hora de partir.

Um ressonar suave ao meu lado espalha ainda a magia vivida. As roupas jogadas sem nenhum cuidado mostram a pressa do abraço, sabendo-o finito. Sob os cobertores o calor do cansaço embala o sonho manso num planar sereno.

Devagar, pé ante pé, deslizo para o assoalho frio, tentando não arrastar uma ponta de lençol que ainda se prende a mim. Um banho quente me traz de volta a realidade. Aquele é um imenso amor, descomunal, que me penetra até os mais afastados terminais sensitivos, mas, como a lua nem sempre compreendida, deverá permanecer silencioso e secreto para não causar sofrimento.

Arrumo o quarto como posso, apagando os vestígios de minha presença. Levo as taças de vinho e a garrafa vazia para a pia. Lavo a minha taça. Visto a roupa com cuidado e quase sem barulho saio da casa que ainda guarda, em seu seio, o cheiro da noite.

O que não posso apagar é o sorriso bobo que insiste em vir nas horas menos adequadas, quando relembro o tremor e o toque pleno de desejo, a simbiose e a sintonia, o arrepio e a palpitação, o vibrar inquieto da carne pedindo a poesia da alma e a satisfação plena de ter conseguido o verso mais lindo. A alegria de se estar ao lado, sentindo o murmúrio do que se insere na essência.

Faço o desjejum na cantina do trabalho e minha mão se ergue sem que eu sinta, descrevendo no ar um gesto de ternura, enquanto o sorriso interior se mostra visível em minha face.





— Hum! Teve uma noite feliz, moça. Dá para ver em pleno rosto — diz a senhora Marina, dona da cantina, que lida com pequenos lanches desde que comecei nesta empresa, três anos atrás.

Sorriso para ela, concordando com um movimento de cabeça, sentindo a compreensão em seu olhar. O amor deixa os seus tentáculos em atemporais vestígios de sonho. Esses, reconheço, são difíceis de apagar!





SER MAGRO... A DESGRAÇA DE UM POVO OBESO

Vera Vilela

“No dia da festa de 15 anos de Bia o clima na casa dos Azevedo não é dos melhores. A garota grita em seu quarto cada vez que alguém bate á porta tentando acalmá-la. Sua mãe chega correndo da rua, cheia de pacotes, e a chama:

— Bia! Bia! Veja o que achei, seu problema está resolvido, acho que salvamos sua festa.

Bia esperançosa abre a porta e deixa que a mãe entre. Carla — sua mãe — coloca todas as sacolas sobre a cama e começa a mostrar-lhe os apetrechos que achou, últimas novidades no mundo da moda para quem está fora dos padrões atuais de beleza.

— Veja minha filha: calcinha com enchimento que aumenta seu quadril de 38 para 42, não é o ideal, mas melhora muito o visual. Sutiã recheado de silicone que já te dá, logo de cara, seios número 48. Meias finas (ou melhor, grossas) que dão a impressão de transparência mas, na verdade tem uma camada de espuma que engrossa consideravelmente suas pernas. A maquiagem é mais fácil, pois podemos colocar bastante pancake em seu rosto e depois esculpir dobrinhas e furinhos. Você parecerá uma verdadeira princesa com todo o charme da obesidade dos 15 anos!

Os olhos de Bia brilham mediante a possibilidade de enfim, parecer uma garota normal. No auge da idade, aos 15 anos, ela é uma menina totalmente fora dos padrões normais de beleza. Dentro dos seus 1,70 metros estão apenas 62 quilos, peso este conseguido a custa de muita medicação e vitaminas, seu corpo mais parece com o de uma sereia das histórias de fantasia, é de dar pena. Pernas alongadas e músculos firmes que a fazem morrer de vergonha, nem ao menos uma celulite ou estria que lhe dê um charme. Quadril liso com nádegas um pouco arredondadas, mas totalmente isenta de qualquer fina camada de gordura, elas nem chegaram a dar um mínimo





balanço ao caminhar. A cintura é vergonhosa, chega a medir quase metade do quadril, somente com muita roupa larga é possível disfarçar. Os minúsculos seios parecem dois limões que mal se percebe dentro de sua blusa grossa e gola alta.

Para os padrões impostos pelo mundo da moda nos últimos 100 anos, é realmente uma desgraça pertencer a uma família como a de Bia, em que a avó e a mãe foram magras (glupt) e, agora a doença ataca também a neta. A magreza da família é horrível, ela fere totalmente os padrões de estética atuais.

Elas reclamam e dizem que deviam ter nascido há séculos atrás quando o bonito era ser esbelta, mas sabem que isso provavelmente jamais voltará. Com o mundo todo voltado apenas para os gordinhos, a chance delas virem a ser pessoas normais está muito longe de acontecer.

Bia, assim como todas as pessoas fora dos padrões, precisa de acompanhamento médico constante, está numa faixa de risco perigosa, sempre com anemias, pressão baixa, dores de cabeça constantes. Ela sonha com a cura da anemia, da leucemia e tantas outras doenças próprias das pessoas fora das perspectivas de lucros mundiais. Tudo que se têm feito é dirigido apenas para melhorar o nível de vida dos gordinhos. Sua mãe contou que no século passado os cientistas conseguiram curar a última doença que afligia aos fofinhos — o diabetes. Com apenas uma micro cirurgia era introduzido um “microship” sob a pele que controlava os níveis de açúcar no organismo. Hoje em dia essa doença não mais existe, pois todos os alimentos já possuem extratos de plantas curativas que impedem a progressão da doença. Ela dizia que os gordinhos, antigamente também tinham problemas com o colesterol, pressão sanguínea, problemas coronarianos, mas nesse mundo que só visa lucro, muito dinheiro foi investido em pesquisas e curas pelo comércio de alimentos, roupas e acessórios em geral que, precisavam e precisam manter o padrão da obesidade em alta, pois eles consomem muito mais que os magros, e o lucro é sempre certo. Em 100 anos percebeu-se um aumento na expectativa de vida, dos 55 anos para os 66 de



hoje. Os magros mais uma vez só causam prejuízos ao governo, pois, em sua grande maioria, após os 40 anos, começam a apresentar sinais de doenças senis, acabam por serem um peso aos familiares que gastam o que podem e o que não podem com remédios, médicos, internações e manutenção de seus magros.

Normalmente os magros pagam planos de clínicas geriátricas durante toda a vida para poderem ter uma velhice acompanhada.

Os magros não conseguem comer em quantidade e qualidade como os gordinhos. Normalmente seus organismos têm rejeição às comidas normais como feijoadas, tutus, lasanhas, torresmos (que, aliás, jamais falta em qualquer mesa saudável). Os ovos fritos então, para eles são como um laxante natural. Eles vivem comendo coisas como verduras e legumes, comidas essas banidas a muito tempo dos pratos de pessoas saudáveis. Pode-se ver até mesmo o absurdo de comerem carne branca por acharem que fará bem ao seu organismo.

Como os magros são minoria, as pesquisas com relação à cura da magreza ou tratamento das doenças que a eles atingem, não prosperam, poucos cientistas se dedicam a isso. Como são rejeitados em todos os lugares que freqüentam, acabam não conseguindo atingir estágios mais altos na sociedade atual. São raríssimos os que conseguem terminar o primeiro ciclo escolar. A humilhação em se sentar numa cadeira com duas vezes o seu tamanho é demais para uma criança que, às vezes, só consegue ultrapassar ilesa a primeira infância, com muita terapia e calmantes. Os que chegam até o curso superior acabam se isolando do grupo e passam os anos acadêmicos escondidos atrás de seus colegas bem dotados, de dobras que fazem qualquer um suspirar de inveja. Como o exercício foi abolido há muito tempo, os magros já se sentem diferentes. Com sua comida totalmente desnutrida precisam se exercitar para fortalecer ossos e músculos que compensam a falta de gordura que daria sustentação aos ossos, com isso emagrecem ainda mais e, enquanto os gordinhos se movimentam no campus com suas cadeiras automáticas, os magros andam com as próprias pernas queimando calorias imprescindíveis a obesidade.



Existem algumas associações de cidadãos magros que hoje reclamam seus direitos como seres humanos, dentre eles destacamos:

— A construção de vasos sanitários em tamanhos menores para evitar o constrangimento de caírem dentro quando no ato de satisfazer suas necessidades físicas normais, o que é extremamente humilhante.

— Que a indústria automobilística produza carros menores e ajustados ao tamanho dos magros, pois com os atuais se faz necessária uma adaptação com almofadas e encostos. Mesmo assim ainda apresentam uma enorme dificuldade em dirigir. Os poucos automóveis em tamanho pequeno que existem no mercado são de um valor exorbitante, de difícil acesso à população magra.

— Estudos de cura de doenças provindas da magreza, em igualdade com as pesquisas da manutenção da saúde dos gordos.

— Igualdade de tratamento em locais públicos como: escolas, teatros, cinemas, etc... Com assentos especiais para os magros.

— Numeração correta das confecções de roupas e fabricantes de sapatos, pois, mesmo os tamanhos muito pequenos como o MPM (muito pequeno mesmo) precisam sempre de apertos e ajustes.

— Preço acessível de alimentos para magros assim como são para os gordos, pois se compararmos a quantidade que o magro come e paga em relação aos gordos é um verdadeiro roubo que se pratica. Um chuchu (alimento muito consumido pelos magros) custa o equivalente a três quilos de torresmos já fritos — dizem que a diferença de preço é pela raridade do primeiro produto que só é cultivado em raríssimas regiões do globo.

— Retirada da lei que obriga as crianças a comerem a merenda nutritiva e vitaminada que é servida nas escolas com o fim apenas de as viciarem no excesso de alimento, visto que em casa a educação e nutrição das mesmas são diferentes.

— Criação da lei que permita o casamento entre pessoas magras e gordas, evitando assim as uniões clandestinas. Já ficou comprovado por cientistas que a união entre essas pessoas não causa o nascimento de filhos magros, pois os genes responsáveis pela obesidade são



determinantes nessas misturas, além do que, a convivência diária com o gordo o levará a prática de costumes e alimentação engordativa.

— Que o magro seja visto como pessoa normal e não como doente e passível de ojeriza nos locais que freqüentam.

— Celas especiais nas cadeias e fornecimento de comida vegetariana aos presos magros.

Como podem ver parece ainda longe o dia em que os magros se sentirão inseridos em nossa sociedade uma vez que, eles próprios pedem um tratamento diferenciado. O governo estuda uma lei que autorize a implantação gratuita de silicone em seios, nádegas e coxas. Botox para aumentar e inchar o rosto. Assim quem sabe os magros possam se sentir mais próximos à normalidade do mundo atual.

Até que tudo isso aconteça, nós — como observadores da vida — podemos levantar nossa bandeira de igualdade a todas as pessoas, gordas ou magras, ricas ou pobres, de todas as opções sexuais existentes para que nosso mundo seja mais humano e nossos descendentes não precisem decidir de que lado estarão, dos magros ou dos gordos!



HALLOWEEN TUPINIQUIM

Waldyr Argento Júnior

Parecia uma festa normal, a não ser é claro pelas fantasias oriundas do império americano. Entra ano e sai ano e nós brasileiros nos rendemos mais a cultura do capitalismo selvagem. Antes que digam que sou um comunista ou socialista, vou logo esclarecendo, sou meio humanista. Tudo bem, vocês podem me dizer que eu estou errado, e daí? É assim que penso!

Mas, vamos ao que realmente é motivo dessa "croniqueta". O povo todo vestido de bruxa, de caveira, fantasia de abóbora era uma perfeita festa de halloween... Exceto é claro pelo país, tupiniquim! Todos, todos sem exceção se divertiam, afinal era uma festa, né? E festa é conosco mesmo! Já viste povo mais animado que o nosso? Eu não!

E lá pelas tantas da celebração às bruxas, aparece um indivíduo diferente... Não, não era uma das "Bruxas de Eastwick", e nem o "Harry Potter", muito menos o "Senhor dos Anéis"... Era um negrinho franzino e que mancava, pois só tinha uma das pernas... Todos pensavam se tratar de um disfarce... Mas, o cachimbo que exalava um cheiro tradicional e as evidências mostravam que era um ser diferente. Talvez oriundo das histórias em quadrinhos, ou mais precisamente um dos personagens do mestre LOBATO... E o dito cujo riu para o pessoal, soltou uma baforada e indagou:

— Éta festa boa essa molecada! Quanta animação pessoal! Posso saber o que vocês estão comemorando?

Um dos convidados mais exaltado resolveu retrucar o menino:

— Que fantasia maneira, neguinho!!! Cadê a sua outra perna...
— E riu do moleque, pensando se tratar de um truque de imagem, de espelhos... Ah, sei lá!!!

O vulgo pretinho sorriu e deu mais uma baforada no seu cachimbo:

— Uai, isso é festa das boas, mas não consigo entender de



quê? E quanto a truques... Eu sou mesmo assim!!! Se falta a outra perna, sobra coragem!!!

— Amigos... Bonita essa brincadeira, né? Mas alguém pode me informar o quê está acontecendo? — indagou um dos participantes curioso.

— Sabemos não amigo!!! Acho que deve ser coisa do pai de vocês! — retrucou outro participante do evento.

— Quê pai “doces”, o quê! Eu vi essa animação toda e resolvi participar! Afinal, uma festa cheia de indivíduos estranhos como eu e de bruxas! Quê festa é essa? — Indagou o pretinho.

— É Halloween!!!

— O quê? É Haroldo ruim, é? Bem que me disseram que o menino não era flor que se cheire! Esse tal de Haroldo, hein?

— Ô seu neguinho manco! Vai embora, vai!!! Não vê que halloween é a festa das bruxas? E o Haroldo é o filho do dono dessa mansão e que financiou essa festinha!

— Das bruxas? Interessante, né? Se é festa das bruxas por que não convidaram a CUCA?

— Quê CUCA o quê moleque! Tu ta é lelé da cuca!

— A CUCA, oras! A bruxa mais conhecida do BRASIL! Acho que ela vai ficar sentida com essa falta de consideração!

Nisso, do nada aparece “a feiosa” em carne e osso. E com o seu “rabão” de jacaré!

— Saci??? Tu me chamaste moleque?

— Aiiiiii! Não falei! Mexeram com a dita cuja! Agora “ôces” que agüentem a sua fúria!

Nisso, todos convidados começam a desconfiar dos dois personagens. Primeiro procuram em vão a outra perna do Saci. E se desesperam com o fato do moleque ir, vir e às vezes sumir sem deixar vestígios. Ao tentarem encarar a bruxa CUCA, alguns recebem um pouco da sua ira em raios elétricos de baixa intensidade... Outros chegam a se ferir um pouco testando os seus dentes. E alguns mais desavisados tomam uma pequena lambada dela. Sabe se Deus quando irão despertar. Mas o fato é que quando se apercebem que





se tratava do Saci e da CUCA de verdade, os meninos vestidos de bruxa e de "amigos do TIO SAM" fugiram desesperados do local.

Aos risos, o Saci indaga à CUCA:

— Viu amiga, o que dá mexer com nós? Saíram todos correndo pras suas casinhas, né?

— Isso aí, Saci amigo!

— É CUCA! E "óia" que eles nem conheceram o "Curumim", o "Boitatá" e nem a "Mula sem cabeça"!

— É, êta povinho fraco esse, né?



A biografia, forma de contato e outras obras dos autores
presentes nesta antologia, você encontra no sítio da internet:

<http://www.anjosdeprata.com.br>

